

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

MANUELY REGINA DE ALMEIDA ANTONIASSI

**ESTADO, ESPAÇO E SUJEITO: MODOS DE INDIVIDUAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO
NO DISCURSO ANTITABAGISTA**

CÁCERES-MT

2019

MANUELY REGINA DE ALMEIDA ANTONIASSI

**ESTADO, ESPAÇO E SUJEITO: MODOS DE INDIVIDUAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO
NO DISCURSO ANTITABAGISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta.

CÁCERES-MT

2019

Walter Clayton de Oliveira 1/2049

ANTONIASSI, Manuely Regina de Almeida.
A635e Estado, Espaço e Sujeito: Modos de
Individuação e Significação no Discurso
Antitabagista / Manuely Regina de Almeida
Antoniassi – Cáceres, 2019.
67 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto
Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de
Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres,
Universidade do Estado de Mato Grosso, 2019.
Orientador: Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta

1. Sujeito. 2. Análise de Discurso. 3. Discurso
Antitabagista.
4. Interpretação. I. Manuely Regina de Almeida
Antoniassi.
II. Estado, Espaço e Sujeito: Modos de Individuação e
Significação no Discurso Antitabagista.

CDU 81'42

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Cáceres

MANUELY REGINA DE ALMEIDA ANTONIASSI

**ESTADO, ESPAÇO E SUJEITO: MODOS DE INDIVIDUAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO
NO DISCURSO ANTITABAGISTA**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta
Orientadora – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Olimpia Maluf Souza
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Águeda Aparecida da Cruz Borges
Avaliadora Externa – UFMT

Profa. Dra. Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida
Avaliadora Suplente - UNEMAT

APROVADA EM: 11/06/2019

Aos meus pais, Andre Paulo Antoniassi e Maria das Graças de Almeida (in memoriam), por todo amor e dedicação. Vocês são e sempre serão o meu alicerce.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, detentor de todo conhecimento. Toda minha gratidão a Ele, por me capacitar e me dar forças em meio às dificuldades.

Aos meus familiares, um grande time que torce a favor das minhas conquistas.

Agradeço, especialmente, a minha orientadora, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta, por todos os ensinamentos, paciência e empatia. Foi um prazer enorme trabalhar com você.

Aos membros da banca examinadora, as professoras Águeda Aparecida da Cruz Borges e Olimpia Maluf Souza, pelas leituras meticulosas e pelas contribuições engrandecedoras.

Aos meus amigos, em especial à Naiara, por todo carinho e devoção.

Ao Ronaldo, meu companheiro de vida e melhor amigo.

À Ana Cláudia, um exemplo incrível de profissional e de ser humano.

E à Gabriella, por estar presente durante toda essa trajetória.

À FAPEMAT, pela concessão da bolsa.

Ao PPGL/UNEMAT.

A todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização de mais uma etapa.

Obrigada!

EPÍGRAFE

*Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!*

(Mario Quintana)

RESUMO

No presente trabalho, que se filia à linha de estudo de processos discursivos, inscrito no Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL/UNEMAT –, procuramos discutir sobre como o sentido é construído nas diferentes linguagens do discurso antitabagista, à luz da teoria da Análise de Discurso francesa, mobilizando os conceitos de *sujeito*, *interpretação*, entre outros, propostos por Michel Pêcheux, na França, na década de 60, e difundidos, no Brasil, por E. Orlandi. Compreendemos que as análises de diferentes textualidades exigem um olhar minucioso no que se refere a uma leitura fora da literalidade. Assim, buscamos discutir a significação de distintas materialidades discursivas que constituem a relação entre cigarro e sujeito.

Palavras-chave: Sujeito; Análise de Discurso; Discurso Antitabagista; Interpretação.

ABSTRACT

In the present work, which joins the discursive process study line, enrolled in the Postgraduate Program in Linguistics - PPGL / UNEMAT, we try to discuss how the meaning is constructed in the different languages of anti-tobacco speech in the light of French Discourse Analysis theory, mobilizing the concepts of subject, interpretation and others proposed by M. Pêcheux in the 1960s and disseminated in Brazil by E. Orlandi. We understand that the analysis of different textualities requires a close look at a reading beyond the literality, so we seek to discuss the significance of different discursive materialities that constitute the relationship between cigarette and subject.

Keywords: Subject; Discourse Analysis; Anti-smoking speech; Interpretation.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária)

CQCT (Convenção-Quadro para Controle do Tabaco)

INCA (Instituto Nacional de Câncer)

IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados)

LENAD (Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas)

OMS (Organização Mundial da Saúde)

SD (Sequência Discursiva)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cultivo de tabaco	17
Figura 2 – A relação trabalho e moradia dos trabalhadores	23
Figura 3 – Doença da Folha Verde do Tabaco	25
Figura 4 – Plantas não fumam, jardim não é cinzeiro, bituca de cigarro não é abudo	28
Figura 5 – Bota Bituca	30
Figura 6 – Componentes químicos do cigarro	32
Figura 7 – O fumante passivo	36
Figura 8 – Fumódromos	40
Figura 9 – Fumar não rola	45
Figura 10 – Conjunto de imagens da terceira campanha nas embalagens de cigarro	52
Figura 11 – Advertência em campanha antitabagista	56
Figura 12 – Fotografia de exposição do cigarro no ambiente comercial de Cáceres	57
Figura 13 – Advertências usadas nas embalagens de cigarro do Canadá	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – LENAD (Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas) entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras	49
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	16
O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CIGARRO: DO CULTIVO À COMERCIALIZAÇÃO	16
1.1 O cultivo do tabaco e os efeitos de sentido na equivocidade da língua.....	16
1.2 “Ganha quem vende, perde quem usa”: o paradoxo do cigarro	20
1.3 Cigarro: o processo de transformação	27
1.4 O descarte e a poluição ambiental	28
CAPÍTULO II	32
DISCURSIVIDADES SOBRE O CIGARRO O SUJEITO FUMANTE	32
2.1 O consumo do cigarro e a exposição à fumaça: efeitos à saúde	32
2.2 Lei Antifumo	41
2.3 Espaços interditados e o fumante: modos de dizer.....	44
CAPÍTULO III	51
INTERPRETAÇÃO EM QUESTÃO: O VERBAL E O NÃO-VERBAL NAS CAMPANHAS ANTITABAGISTAS	51
3.1 O tabagismo e o discurso internacional	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
BIBLIOGRAFIA	64

INTRODUÇÃO

*Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.
(Oswald de Andrade)*

A questão da linguagem convoca-nos a pensar a relação do homem com o cigarro, no espaço e no mundo. Essas questões me acompanham desde a minha graduação de Licenciatura Plena em Letras, Português/Inglês, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), com o projeto de pesquisa *Drogas lícitas e a mídia: espaço de formulação e de circulação de sentidos* (PROBIC, 2013/2014), sob a orientação da Profa. Dra. Olimpia Maluf Souza. O discurso sobre a questão dos efeitos do fumo fez com que, de certa forma, eu alargasse as discussões e continuasse a pesquisa, com o projeto intitulado *A discursividade nas campanhas antitabagistas: sentidos em movimento*, aprovado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL/UNEMAT, (Bolsista/FAPEMAT, 2017/2018).

Devo dizer que é com alegria que realizo mais essa pesquisa, que resultou no trabalho intitulado *Estado, espaço e sujeito: modos de individuação e significação nas campanhas antifumo*, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta.

Este trabalho está inscrito na teoria da Análise de Discurso, desenvolvida, nos anos 60, por Michel Pêcheux, na França, e difundida por Eni Orlandi, no Brasil. Assim, esta reflexão tem como propósito discutir o efeito da linguagem, tanto no texto verbal quanto no de imagem. Para isso, tomamos como lugar de reflexão os diferentes materiais significantes do discurso antitabagista. O *corpus* é constituído de diferentes materialidades discursivas, desde campanhas, músicas, placas, leis, entre outros, os quais serão recortados e discutidos analiticamente, o que permitirá ao sujeito leitor compreender como esses efeitos de sentido se textualizam nas imagens, nas leis e em outros materiais de análise.

O cigarro, nos últimos anos, tornou-se temática de encontros nacionais e internacionais, de modo que o discurso antitabagista pode ser visualizado em diferentes lugares, como os espaços urbanos, desde hospitais, comércios, entre outros. Trata-se de uma

materialidade discursiva que ocupa sala e salões. Pelos estudos da linguagem, a questão é: como trabalhar esse texto? Como esse texto interpela, a todo momento, o sujeito na cidade, o espaço urbano, nas suas dimensões de uso, de fluxo?

As intermediações do texto em comércios e em espaços da cidade vem atravessadas pelo discurso de higienização, de preservação do ambiente. Todavia, observa-se fortemente o processo de individuação do sujeito pelo Estado, como um modo do sujeito fumante se responsabilizar pelo efeito que o produto químico produzirá em seu organismo. Diante desse modo de interpelação e de individuação do sujeito, pensamos, necessariamente, sobre o modo como o gesto de leitura e de compreensão do texto enquanto fato, tal como nos orienta Orlandi (1996), chega e significa para distintos sujeitos leitores, alfabetizados e analfabetos e/ou analfabetos funcionais.

O fio condutor passará por pensar os gestos de interpretação, de individuação e pela memória discursiva, que se produz em um universo de textos de materialidades distintas. A Análise de Discurso trata do discurso. “A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2013, p. 15).

Orlandi (2012) afirma que, pelo discurso, compreendemos melhor a relação entre linguagem/pensamento/mundo, porque o discurso é uma das instâncias materiais (concretas) dessa relação. Nessa direção, a Análise de Discurso pensa a linguagem em seu funcionamento, de modo a questionar como o texto produz sentidos.

Para compreendermos essas questões, dividimos esse trabalho em três capítulos. O primeiro capítulo discorrerá sobre o processo sócio histórico de produção do cigarro, do cultivo de sua matéria-prima (tabaco), da indústria para a comercialização. Daremos visibilidade, pela materialidade discursiva, à relação do sujeito com o tabaco no que se refere ao manejo e às consequências desse produto à saúde e ao ambiente.

Segundo Milhorce (2014), o Brasil é considerado o maior exportador e o segundo maior produtor de tabaco do mundo, com um total de 706 mil toneladas por ano, distribuídos em 90% os quais vêm do Sul, uma cultura espalhada por 756 municípios e a encargo de 160 mil famílias. O número expressivo de cultivo do tabaco faz pensar a relação entre sujeito, produto, ambiente e saúde, de modo que o fato de o país ser o maior exportador de um produto, neste caso, o tabaco, remete às questões políticas e sociais, que compreendem as condições de produção e a regulamentação jurídica.

No segundo capítulo, discutimos como o sujeito é inscrito no discurso jurídico, tanto em relação à questão do tabagismo quanto em relação às legislações referentes ao uso do cigarro e seus resultados. Entendendo, pela teoria, que a lei antitabagista funciona delimitando sentidos de um antes e um depois. Dito de outro modo, a lei funciona, nesse discurso, como um acontecimento discursivo. O acontecimento, segundo Pêcheux (1990, p.17), é o “ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória”. Isto é, trata-se da relação da atualidade com a memória, a memória discursiva significando na atualidade.

No terceiro capítulo, apresentamos as campanhas antitabagistas presentes nos maços de cigarro, assim como outras materialidades discursivas, com o objetivo de analisá-las, mobilizando, dentre outros conceitos, principalmente os de *sujeito*, de *interpretação* e de *modos de individuação*.

De acordo com Orlandi (1995), o homem, enquanto ser histórico, diante de qualquer objeto simbólico, é impelido a interpretar, a questionar, a produzir sentidos, entendendo, assim, que o sentido não é único, mas múltiplo.

Não há sentido sem interpretação, estabilizada ou não, mas sempre interpretação. [...] Ao significar o sujeito se significa, o gesto de interpretação é o que – perceptível ou não para o sujeito e/ou para seus interlocutores – decide a direção dos sentidos, decidindo, assim, sobre sua (do sujeito) direção (ORLANDI, 2012, p. 21, 22).

Assim, tratar da interpretação significa modos distintos de atribuir questões, pois há uma injunção do sujeito a construir a significação, considerando que o espaço simbólico demanda gestos de interpretação, de leitura. Dessa maneira, procuramos tocar, pela materialidade discursiva, enquanto analistas de discurso, a descrição e a interpretação, entendendo que uma está, necessariamente, imbricada à outra.

CAPÍTULO I

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CIGARRO: DO CULTIVO À COMERCIALIZAÇÃO

Neste capítulo, temos o objetivo de dizer, de forma breve, sobre o processo sócio histórico de produção do cigarro, do cultivo de sua matéria-prima (tabaco), da indústria para a comercialização. Daremos visibilidade, pela materialidade discursiva, à relação do sujeito com o tabaco no que se refere ao manejo e às consequências desse produto à saúde e ao ambiente.

Pela Análise de Discurso francesa, recorreremos aos conceitos de *sujeito*, de *interpretação*, entre outros. Do lugar teórico da Análise de Discurso, dizer sobre o discurso do tabaco significa um movimento de leitura, de atribuir questões à materialidade discursiva. Isto traz uma questão importante de entrada, que significa rever o modo como compreendemos as noções de leitura e de interpretação.

1.1 O cultivo do tabaco e os efeitos de sentido na equivocidade da língua

A literatura nos diz que o tabaco se refere a uma planta de folhas grandes que pode alcançar até 3 metros de altura e que, na maioria das vezes, é chamada pelo nome de seu gênero, *Nicotiana*. Há, aproximadamente, 60 espécies da planta, sendo grande parte nativas da América tropical. Já o cultivo do tabaco acontece em vários países, como a Índia, Brasil, Estados Unidos, Turquia, entre outros.

Em relação ao termo *tabaco*¹, recorreremos ao dicionário. Pois, como sabemos, o dicionário é um instrumento linguístico que diz como são descritas as palavras, os verbetes. O Dicionário *Online* de Português traz a seguinte definição: planta solanácea, originária da ilha de Tobago, e cujas folhas, diferentemente tratadas, servem para fumar, cheirar ou mascar; fumo. De acordo com esse dicionário, o termo *cigarro*² refere-se a uma pequena porção de tabaco que, picado e enrolado em papel fino ou em palha de milho, é utilizado para fumar: cigarro de papel; cigarro de palha; cigarro sem filtro. Entretanto, buscamos, nesta reflexão, discutir as palavras compreendo-as pela descrição e interpretação, ou seja, a partir de seu funcionamento no texto.

Desse modo, em relação à linguagem verbal:

¹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 10 jan. 2019.

² Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 10 jan. 2019.

há uma longa história de construção de objetos que são ao mesmo tempo instrumentos do seu conhecimento (isto é, da linguagem verbal humana) e também se institucionalizam como instrumentos da relação do falante com sua língua. São os “instrumentos linguísticos” de que fala S. Auroux (1992): as gramáticas, os vocabulários, os dicionários etc. (AUROUX, 1992, *apud* ORLANDI, 1995).

A autora explica que a produção científica desses instrumentos – as gramáticas, os dicionários – colaboram para que circule, socialmente, a imagem do verbal como ubíquo. Trata-se não só da produção de uma forma de conhecimento que aí se objetiva, mas principalmente de uma maneira de organizar a relação homem com os sentidos.

No caso do termo tabaco, a planta, de acordo com Coelho (2015), determinadas espécies são usadas para ornamentação, somente duas espécies, a *Nicotiana rústica* e a *Nicotiana tabacum*, são direcionadas para o comércio. O cultivo da *Nicotiana rústica* é distribuído somente em algumas partes da Europa e Ásia. Enquanto a *Nicotiana tabacum*, também conhecida como tabaco, é a espécie mais importante, do ponto de vista mercadológico. A planta do tabaco se assemelha a um tipo de erva, capaz de se adaptar melhor em climas subtropicais e temperados, em diversas partes do mundo.

Observemos a imagem:



Figura 01³

³ Cultivo de tabaco. Disponível em: <http://www.agroceiro.com/novas-condicoes-do-pronaf-promovem-a-diversificacao-em-areas-cultivadas-com-tabaco/>. Acesso em: 19 jul. 2018.

A imagem fotográfica (figura 01) tece um canteiro com uma farta plantação de tabaco. Se observado por uma leitura linear, pela vivacidade das folhas verdes, robustas, tem-se uma visão de cultura e de produtividade da terra. Ou seja, estreita-se a leitura a uma posição da fertilidade da terra, a natureza viva em cor pelo que se visualiza. Por outro lado, a mesma imagem, quando pensada discursivamente, impõe-se questões à textualidade, de modo que a inscrição teórica movimentada o gesto de interpretação, da relação do sujeito com o objeto. Entendendo que a relação não é direta, mas mediada pela linguagem.

Nesse entendimento, a imagem do tabaco, pelo gesto analítico de uma leitura discursiva, faz intervir sentidos transversos à historicidade que a constitui. Desloca-se de uma formação imaginária de se observar a imagem, a vivacidade do canteiro de tabaco, de uma leitura literal de cultivo de plantações de hortaliças como se fosse alface, couve, rúcula etc. que livre de agrotóxicos, traz benefícios à saúde. Essa imagem vai à contramão para a saúde humana e ambiental. Desliza-se do imaginário que se cristaliza. Ou seja, na imagem, o tabaco apresenta-se de forma naturalizada, enquanto uma planta.

A questão que nos impõe, neste trabalho, é justamente, compreender, pelo discurso, os modos de leitura, de interpretação, da relação do sujeito com o discurso. Neste caso, a materialidade significativa da imagem permite ver a imagem de plantação de tabaco, mas, quais são os efeitos de sentido?

Sabe-se, a partir do que formula Orlandi (1990), que a imagem tem a sua densidade quando pensada a partir das formações discursivas, os sentidos transversos⁴, os efeitos de sentido que configuram a materialidade simbólica.

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. A noção [...] é básica na Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção de sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. (ORLANDI, 2013, p. 43).

Desse modo, a autora afirma que o sentido é estabelecido pelas posições ideológicas postas em circulação no processo sócio histórico em que as palavras são produzidas. O sentido não existe em si mesmo, pois as palavras mudam de sentido de acordo com as posições daqueles

⁴ O sentido não está colado na literalidade. Ele atravessa o discurso, pois uma memória o constitui.

que as empregam. Elas “extraem” seu sentido dessas posições, ou seja, de acordo com as formações ideológicas nas quais essas posições se filiam.

No caso do texto presente na figura 01, a imagem do tabaco produz a interpelação ideológica. Instaure-se, assim, distintos efeitos de sentido, em decorrência de distintas formações discursivas, pois apresentam, ao mesmo tempo, o tabaco como aquilo que destrói a saúde, o ambiente, e o tabaco como produto mercadológico, que, em sua forma de cultivo, se apresenta, “inofensivamente”, como uma plantação, uma hortaliça.

Sabe-se que a planta do tabaco se adapta melhor em solos arenosos e leves. É necessário que haja uma boa passagem de água e uma boa ventilação. As folhas, além de grandes, são ovais e com terminações arredondadas. Assim como as folhas, os caules da planta são encobertos com pelos, de modo que alguns lançam um líquido pegajoso. As flores da planta contêm a forma de tubo como também possuem uma diversidade de cores, entre elas o creme esverdeado, cor de rosa e o vermelho. As sementes são pequenas e normalmente uma planta produz de 200.000 ou mais.

O modo de cultivo do tabaco ocorre em canteiros ao ar livre. Os canteiros, em regiões mais quentes, são protegidos com palha ou folha superior de algodão, enquanto em regiões mais frias, a plantação é protegida com uma instalação de vidro ou até mesmo de plástico a fim de resguardá-las. Deve-se pontuar que, após oito a dez semanas, quando as mudas alcançam aproximadamente 25 cm de altura, as plantas são transferidas para um campo:

Embora o tabaco possa ser transplantado por máquinas, em nível mundial, a grande maioria ainda é plantada manualmente. Com o crescimento do tabaco, a cabeça das plantas de tabaco é quebrada manualmente, para que possa crescer por completo, sendo esse processo chamado de Topping (em português, cobertura). Após isso, as plantas ficam um período de 90-120 dias no campo antes de serem colhidas. (COELHO, 2015, sem página).

A colheita do tabaco pode ocorrer de duas formas: escoamento ou corte de caule. No primeiro processo, as folhas são guardadas e entram em um pré processo de cura de acordo com o seu amadurecimento. No segundo processo, a planta é cortada inteira e levada ao campo a fim de murchar, antes de ser transferida para os galpões de cura.

Na fase da cura, as folhas são transferidas para um galpão específico em que passam pelo procedimento de secagem, que ocorre de três maneiras: ar de cura, fogo de cura ou combustão de cura. No último processo, as folhas de tabaco perdem água e também alteram sua

cor, como também sofrem vários tipos de transformações bioquímicas que caracterizarão o sabor do cigarro.

A palavra⁵ *cura* – ar de *cura*, fogo de *cura* ou combustão de *cura* – pode, enquanto materialidade linguística, projetar também outros sentidos que podem dialogar com a figura 1, uma vez que o cultivo do tabaco e o processo de “cura” apagam os malefícios causados pelo cigarro. O termo *cura* tem em si uma ambiguidade. Há contradição, pois a palavra *cura*⁶ diz do tratamento da saúde; forma de combater uma doença. Como, então, pode-se curar o próprio veneno?

Em alguns casos, as folhas são curadas, ou seja, são levadas para câmaras, onde são umedecidas, a fim de não quebrarem no momento da manipulação. Após o percurso de umedecimento, as folhas são eliminadas do caule. A pulverização ocorre por meio da umidade adicional como uma prevenção contra a fragmentação ou ruptura. Após esse percurso, a classificação das folhas ocorre tendo em vista o tamanho, a cor e a qualidade. Posteriormente, são amarradas em pacotes a fim de serem transportadas para as fábricas de cigarro.

Como vimos, para que o tabaco chegue adequado às indústrias, diversos procedimentos são realizados, isto é, vários são os esforços na convergência para torná-lo o mais proveitoso possível para o consumo. Entretanto, o modo como a literatura explicita o processo de cultivo do tabaco até o acesso ao produto final, permitiu-nos dizer que já aí se estabelece um gesto de apagamento dos malefícios que o cigarro provoca à saúde, pois trata-se de uma escrita de maneira linear que opacifica e silencia os efeitos nocivos do tabaco, como encontramos no emprego da palavra *cura*. Dito de outra maneira, a medida em que se diz do processo do cultivo e do manejo, possibilita que se formule questões, significações, da posição sujeito daquele que labuta no plantio, colhe o tabaco. Do texto que se lê, depreende-se que o processo se inscreve em uma conjuntura histórica e política de relações de trabalho em que o sujeito reclama sentidos⁷. Observaremos, no próximo item (1.2), o modo em que a indústria do tabaco vai se constituindo.

1.2 “Ganha quem vende, perde quem usa”: o paradoxo do cigarro

⁵A palavra não tem sentido nela mesma, mas depende de quem a utiliza.

⁶Michaelis. Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=cura>. Acesso em 13 mai. 2019.

⁷ Os modos de leituras serão aprofundados, no decorrer dos capítulos.

Em 1874, surge no Brasil a primeira fábrica de cigarros, especificamente, no Rio de Janeiro. Porém, foi somente no século XX que a indústria ganhou destaque. Uma das práticas das fábricas foi a exportação. Em 1900, as fábricas estavam presentes em São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Ceará, Sergipe e Maranhão.

No período republicano, o primeiro Ministro da Fazenda – Rui Barbosa –, ao estabelecer as bases do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), tornou o fumo uma das principais fontes rentáveis do Estado.

O discurso estatístico produz, pela transparência do dizer, efeitos de sentido de isenção/desresponsabilização do Estado, que “faz” a sua parte ao alertar e advertir o sujeito que deliberadamente “quer” fumar.

As condições de produção tanto “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” quanto fazem parte da produção do discurso. Dessa forma, dizemos que a maneira como a memória “aciona” faz valer as condições de produção. Além disso, “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio histórico, ideológico” (ORLANDI, 2013, p. 30).

Nessa inscrição teórica, o conceito de condição de produção nos permite questionar: como o Ministério da Saúde e Agricultura legislam sobre o cultivo, o plantio e o manejo do tabaco? São questões que procuramos discutir ao longo desta produção.

Levamos, também, em conta o modo de trabalho com a folha de tabaco, que é realizado por meio do trabalho intensivo da mão de obra de famílias produtoras e regulamentado pelo sistema integrado de produção. Nesse processo, a relação do sujeito com o produto, em grande escala, tece o imaginário do espaço mercadológico, a produtividade, a lucratividade aos seus fornecedores.

O espaço mercadológico do tabaco produz, no social, gestos de interpretação. O “gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e materializada pela história” (ORLANDI, 2012, p.18). Desse modo, entendemos que o sujeito é sujeito da interpretação e, é, pela interpretação, o lugar possível de se compreender como o simbólico produz sentidos e que a língua tem a sua incompletude. Ou seja, a língua não se fecha. Dizemos, pois, que, se há sentidos, há historicidade.

Conforme P. Henry (1995), uma das grandes contribuições teóricas da Análise de Discurso com o estudo do discurso, da língua em seu funcionamento, foi pensar a interpretação.

O gesto de interpretação vem dizer do modo como o olhar é direcionado para a materialidade discursiva, do efeito de desnaturalização, a evidência.

A Análise de Discurso atribui questões para a materialidade discursiva, no que se refere à interpretação e tem como objeto de estudo o discurso. Na perspectiva do discurso, o texto não é visto como uma unidade fechada, pois ele tem relação com outros textos.

Assim, “o texto é um bólido de sentidos. Ele “parte” em inúmeras direções, em múltiplos planos significantes. Diferentes versões de um texto, diferentes formulações constituem novos produtos significativos” (ORLANDI, 2012, p.14). O texto “original” é uma irreabilidade, visto que num “mesmo texto” há sempre vários possíveis textos. É por isso que o texto é considerado uma “peça” em sua materialidade discursiva, ou seja, todas as suas articulações são importantes para a construção do sentido:

A AD está assim interessada no texto não como objeto final de sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso. O trabalho do analista é percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto. O texto [...] é a unidade de análise afetada pelas condições de produção. O texto é, para o analista de discurso, o lugar da relação com a representação física da linguagem, onde ela é som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. É o material bruto. Mas é também espaço significante. (ORLANDI, 1995, p. 116/117).

Nesse sentido, remetemos ao que pontua Pêcheux (2012, p. 50): “[...] a primeira exigência consiste em dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas”, dito de outro modo, a materialidade discursiva consiste para o analista de discurso o primado de trabalhar entre a descrição e o gesto de interpretação. Podemos dizer ainda que a teoria media o gesto de interpretação. Assim, descrever e interpretar são movimentos que se tocam no processo analítico, no modo de produção da leitura, na construção do sentido, entendendo que este (o sentido) não nasce no sujeito, mas significa de acordo com as formações discursivas.

Em termos de análise acho interessante o que diz Pêcheux: há um batimento entre descrição e interpretação. [...] Para compreendermos precisamos construir um dispositivo teórico e um dispositivo analítico de interpretação para mediar nossa relação com os sentidos (e com nós mesmos). Para expor nosso olhar à opacidade do texto. Para compreendermos e não ficarmos repetindo o que já está posto lá para que fiquemos atados a sentidos mesmos. (ORLANDI, 2006, p. 3).

A Sequência Discursiva 1 (SD 1) permite-nos compreender a noção de sujeito, o modo como se inscreve no discurso e como o discurso constitui lugar de interpretação e leitura, tal como pontua a teoria da Análise de Discurso:

SD 1 – Sempre ajudei na plantação e, depois da colheita, ficava zozona. Via minha mãe, meu irmão, minha tia na mesma situação, com a cara pálida, vomitando. Ficava apavorada (**GÉSSICA PODEWILS**, membro do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, assessorando famílias que desejam parar com o plantio de tabaco *apud* MILHORANCE, 2014, sem página).

A forma como o sujeito se inscreve no discurso da comercialização do cigarro diz do lugar discursivo que ele ocupa na leitura/interpretação de sua produção. Observamos que, embora haja um crescente aumento na lucratividade desse produto (o cigarro), a incompletude da língua permite que outros sentidos signifiquem e que distintas posições sujeito digam, pelo discurso, e interpretem estes avanços de forma diferente. A Sequência Discursiva (SD1) trata de um sujeito que, após sofrer as dificuldades do cultivo da planta, não pode/consegue significar este processo pelo viés do lucro e do ganho, pois seu lugar de trabalhador não permite o acesso a esse gesto de interpretação.

De acordo com Elia (2004) o sujeito não nasce ou se desenvolve, mas se constitui. É necessário considerar o campo da linguagem, o campo do qual o sujeito é o efeito, para explicar o modo pelo qual o sujeito se constitui. A constituição do sujeito somente se dá a partir desse campo. Nessa direção, os produtores de tabaco configuram, como posição sujeito, a parte mais fraca da produção do cigarro, uma vez que sofrem com condições precárias de trabalho, que incluem desde a baixa remuneração até a submissão às vontades das grandes indústrias.

Leiamos a imagem (figura 02).



Figura 02⁸

Como podemos observar, a materialidade discursiva da figura 02 remete ao produtor e sua família. Há a separação do galpão onde as folhas são manipuladas, do cômodo onde o trabalhador vive, marcado pela presença da criança. Desse modo, na figura 02, se inscrevem as condições de produção. No espaço, há vestígios da relação do sujeito com o trabalho. Condições precárias textualizam (pela imagem), o local ao qual os trabalhadores são submetidos.

Além disso, Frois (2015) explica que trabalhadores são expostos a adubos, inseticidas e a própria nicotina, responsável pela intoxicação. Uma das complicações causadas por essa exposição é *doença do tabaco verde*⁹, que é causada pela absorção da nicotina, resultado do contato da pele do agricultor com a folha molhada do tabaco. Alguns dos sintomas, causados pela intoxicação, são: cefaleia, vertigem, náusea, vômito, fraqueza e cólica abdominal. Essa doença faz reverberar direitos e deveres, conforme determina a Constituição Federal. Condições de produção diante do trabalho, dos efeitos de sentido de malefícios causados pelo tabaco, que se direcionam não somente aos fumantes, mas também àqueles que se colocam nos primórdios da confecção do produto, nas fases de plantio e colheita. Esse movimento de labuta com o tabaco produz o “ciclo destrutivo do tabaco”.

⁸ A relação trabalho e moradia dos trabalhadores. (ANTONIO SCORZA/ Agência O Globo). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade/produtores-de-tabaco-enfrentam-doencas-fisicas-psiquicas-no-rs-13473703#ixzz4wibWvE87>. Acesso em: 08 mar. 2019.

⁹ “A chamada doença do tabaco verde, já descrita em estudos científicos, ocorre principalmente no período da colheita, quando agricultores carregam nos braços as folhas úmidas, seja por suor, orvalho ou chuva”. Disponível em <https://www.cancer.org.br/produtores-de-tabaco-enfrentam-doencas-fisicas-e-psiquicas-no-rs/>. Acesso em: 12 mai. 2019.

Ou seja, a posição sujeito é interpelada à produção e, pelo efeito naturalizado de evidência da rotina do trabalho na lida com o produto tóxico, a nicotina, se coloca, conforme Frois (*op.cit.*), de forma circular, no contato com o produto.

O modo de trabalho e as informações para a prevenção da *doença do tabaco verde* já inscrevem a posição sujeito trabalhador em uma condição x. Entendemos que a prevenção tem a ver com as condições de produção, com as informações. Como também se constitui pelo gesto de ler, de “expor o olhar leitor à opacidade do texto” (PÊCHEUX, 1981, *apud* ORLANDI, 2001, p.34), de modo que a utilização de alguns equipamentos como luvas, manga, calça comprida e capas impermeáveis são peças distintas, que têm a sua significação distinta para o trabalhador do tabaco.

De toda forma implica em gestos de interpretação, de leitura e de compreensão científica sobre o tabaco. É interessante observar que o produtor deve evitar trabalhar com roupas molhadas, como também em horários considerados de umidade, como o relento da manhã e durante as chuvas. Outro fator importante é o ato de lavar as mãos durante o trabalho, uma vez que isto ajuda a diminuir a absorção da nicotina pelo organismo¹⁰.

O modo de dizer naturalizado sobre o manuseio do tabaco torna-se opaco, uma vez que se trata de uma descrição linear, diferentemente do que orienta a teoria da Análise de Discurso que

[...] objetiva compreender este tipo de real, sujeito e interpretação que se dá no cruzamento da língua com a história. Para tal, ela propõe que se inaugurem novas práticas de leitura (sintomáticas, arqueológicas etc), construindo-se outras “escutas” que permitam levar em conta esses efeitos e explicitar a relação (discursiva) com esse saber que não se aprende. (ORLANDI, 2012, p.60).

A SD1 nos permite depreender que as práticas de leituras possibilitam, pelo questionamento da materialidade simbólica, outras práticas de escuta, outras compreensões daquilo que está, aparentemente, naturalizado, considerando, nesse movimento, as condições de produção e a relação do sujeito com o modo de trabalho e com o uso do tabaco.

A imagem a seguir ilustra o processo de intoxicação dos agricultores pelo tabaco:

¹⁰ Doença da Folha Verde do Tabaco. Disponível em: <https://www.infoescola.com/doencas/doenca-da-folha-verde-do-tabaco/>. Acesso em 05 mar. 2018.

Como acontece a intoxicação



VENENO SOLÚVEL EM ÁGUA

A nicotina presente nas folhas de tabaco (*Nicotiana tabacum*) é um alcaloide básico solúvel em água que provoca problemas de saúde na abstinência



FOLHA EM CONTATO COM A PELE

Quando a planta está úmida ou a pele está suada, a nicotina pode ser absorvida pelo contato dérmico através do manuseio das folhas durante a colheita



NICOTINA NO SANGUE

Ao penetrar a pele, a substância cai na corrente sanguínea, passa pelo fígado (onde é metabolizada) e chega ao cérebro cinco a nove segundos depois

Figura 3¹¹

O texto publicado na Revista Galileu traz as formas pelas quais os cultivadores de tabaco são expostos à *doença do tabaco verde*. Ou seja, descreve-se detalhadamente de que maneira a transmissão da nicotina ocorre quando em contato com a pele. O que nos chama atenção, nesta exposição, não é só a vulnerabilidade dos agricultores e a necessidade de prevenções, mas a leitura que ele nos disponibiliza sobre o contato, supostamente, inofensivo que o ser humano teria com as plantas (“com o verde”). Isto porque a memória sócio histórica que temos da relação do homem com a vegetação/natureza nos diz que este contato sempre se deu de maneira frequente, próxima e segura. No entanto, o dizer do cartaz, ao recortar essa relação e retomar, ao mesmo tempo, esta memória, desloca sentidos da relação sujeito rural/ambiente.

A Assembleia Mundial da Saúde aderiu, em 21 de maio de 2003, a Convenção-Quadro da OMS para Controle do Tabaco (CQCT/OMS)¹², com o objetivo de “proteger as gerações presentes e futuras das devastadoras consequências sanitárias, sociais, ambientais e econômicas geradas pelo consumo e pela exposição à fumaça do tabaco” (CQCT/OMS, 2003). Trata-se do primeiro tratado internacional de saúde pública da história da Organização Mundial da Saúde, resultado da reunião de 192 países componentes da Assembleia Mundial da Saúde, em resposta à preocupação causada pelo surto de tabagismo no mundo¹³.

¹¹ Fomicultura. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/04/familias-brasileiras-que-cultivam-tabaco-sofrem-de-overdose-de-nicotina.html>. Acesso em 10 abr. 2018.

¹² Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/convencao-quadro-para-o-controle-do-tabaco-preambulo.pdf>. Acesso em 15 mar. 2019.

¹³ Abordaremos sobre o Tratado nos capítulos posteriores.

É possível depreender o percurso naturalizado com que se textualiza o plantio do tabaco e seu processo até a industrialização. Ideologicamente, há um confronto discursivo entre o que se diz do processo de cultivo, manejo em relação à saúde humana e ambiental, tal como se textualiza pela posição da Assembleia Mundial da Saúde, na Convenção-Quadro da OMS para Controle do Tabaco (CQCT/OMS). É sobre esse modo de dizer que nos debruçamos com o propósito de compreender, pelo funcionamento da linguagem, o discurso sobre o tabaco, o cigarro.

1.3 Cigarro: o processo de transformação

Do ponto de vista discursivo, o processo de produção e de transformação da matéria prima do tabaco em cigarro tem a sua significação. É preciso, pois, pensar a historicidade que intervém no discurso, no acontecimento de linguagem. Estamos com isso pensando o sentido nesse percurso do processo de produção final do cigarro. Do gesto de seleção das folhas de tabaco, compressão em bolos e, por fim, são desfiadas por máquinas. Coelho (2015) explica que, nesse processo, elementos são acrescentados a fim de proporcionar sabor suplementar ao cigarro, como essências de sucos de frutas, mentol, entre outros.

Segundo Coelho (*op.cit.*), por toda a extensão de um rolo regular de papel de cigarro, o tabaco desfiado é espalhado de modo que uma máquina específica corta o tabaco picado num comprimento almejado. A ferramenta segura cada cigarro e prende um filtro em um de seus extremos. Uma máquina moderna realiza esse processo com a média de mais de 100 cigarros por segundo, sendo que esse tipo de máquina possui sensores eletrônicos capazes de retirar, automaticamente, qualquer cigarro defeituoso.

A embalagem é a fase final da produção de cigarros. Nessa etapa, os cigarros concluídos são embalados em pacotes com 20 unidades, e os pacotes são inseridos em uma caixa de papel cartão que é fechada com papel celofane. Além disso, os cigarros concluídos são transferidos por correias transportadoras até uma máquina que os organiza em caixas.

A máquina, no processo de confecção do cigarro, é capaz de produzir até 500 carteiras por minuto, sendo que cada carteira contém 20 cigarros envoltos em papel-alumínio, rótulo e selo. Parafraseando, aqui, Coelho (*op.cit.*). Assim, o produto final, em caixas, passa por outra máquina que as protege em uma fina camada de polipropileno¹⁴ responsável por conservar as

¹⁴ Polímero de propileno usado na fabricação de filmes, fibras, embalagens etc. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 05 ago. 2018.

propriedades sensoriais da mercadoria, que passa por diversos períodos como o de estocagem e transporte, até chegar ao período de comercialização.

Há um movimento de linguagem nesse processo, e o tomamos pelo viés da interpretação que se desdobra em descrição sobre o tratamento, o trabalho com o tabaco. Assim, seguindo esse percurso, discursivamente, pensamos o sujeito consumidor, os efeitos do produto pelo que se diz sobre seu consumo e a saúde.

1.4 O descarte e a poluição ambiental

De acordo com Mendes (2015), atualmente, a questão ambiental compreende um espaço político, visto que se tornou um movimento social em que são abordados assuntos relacionados ao bem-estar do ser humano. Da relação do sujeito fumante com o espaço, emerge o eixo, a bituca do cigarro.

Nesse sentido, a bituca de cigarro é um sério problema para o ambiente. O tempo de decomposição chega a cinco anos, quando não descartada corretamente, pois se trata de um produto não biodegradável¹⁵. Há um duplo processo de destruição/morte no consumo do cigarro: mata o sujeito e o ambiente.



Figura 04¹⁶

¹⁵ Biodegradável: que pode ser destruído por um agente biológico (p.ex., bactérias). Dicionário Online.

¹⁶ RX ECO. Pense nisto! Disponível em: <http://rxeco.blogspot.com/2014/04/pense-nisto.html>. Acesso em 12 mai. 2019.

O texto presente na figura 4 – *plantas não fumam, jardim não é cinzeiro, bituca de cigarro não é adubo* – nos remete à memória discursiva da placa *não pise na grama*, muito utilizada em jardins, principalmente, de residências particulares. Partimos do pressuposto que a grama não é um elemento para ser pisado ou depositado resíduos. Então, por que se faz necessário o enunciado de advertência?

Há um funcionamento das conjunções *se*, *logo* e *então*, que produz sentido, pois *se* plantas não fumam, *logo* jardim não é cinzeiro, *logo* bituca não é adubo. (*Então* não jogue a bituca aqui). O *então* fica, pelo não dito, na forma de descarte da bituca na grama como a causa/consequência da destruição do meio. A advertência é dada pelo que não é dito: a destruição do meio, o que podemos visualizar na forma da placa em cruz que remonta a um túmulo, a morte – do ambiente e/ou do sujeito.

Ao pensar a imagem através do verbal, acaba-se por descrever, falar da imagem, dando lugar a um trabalho de segmentação da imagem em unidades discretas. A palavra fala da imagem, a descreve e traduz, mas jamais revela a sua matéria visual. [...] A palavra não pode ser moeda de troca das imagens. É a visibilidade que permite a existência, a forma material da imagem e não a sua co-relação com o verbal (SOUZA¹⁷, 2001, sem página).

Desse modo, Souza¹⁸ explica que a imagem, ao ser traduzida por meio da verbalização, se restringe a um dado complementar, acessório/cenário, desempossando-lhe a característica de texto/linguagem (SOUZA, 1997, sem página). Com isso, o verbal superpõe ao não verbal. A imagem do/no espaço público torna-se opaca, sendo, assim, pulverizada pelas bitucas.

Nesse sentido, os vestígios de bitucas têm seus efeitos na sociedade, uma vez que o cigarro apresenta 4,7 mil substâncias tóxicas que são responsáveis por contaminar solos, rios e podem agravar enchentes, entupir bueiros e encanamentos em períodos de chuva.

Simões¹⁹ explica as consequências do descarte indevido, afirmando que:

[...] o impacto de uma bituca de cigarro no solo é muito nocivo. Porque, além de contaminar aquela área em específico, ela pode contaminar os mananciais ao redor e até um lençol freático [...] A reprodução de peixes pode ser tóxica e transformar determinada população dos mesmos em uma população estéril, ou os próprios animais e plantas que dependem daquele solo podem ser contaminados (SIMÕES, 2017, sem página).

¹⁷ A Análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/323/204>. Acesso em 12 mai. 2019.

¹⁸ Discurso e imagem: perspectivas de análise não verbal. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/240/128>. Acesso em 23 mai. 2019.

¹⁹ Jornalismo Ambiental. Disponível em: <https://jornalismoambiental.uniritter.edu.br/?p=1964>. Acesso em 23 mai. 2019.

As formações imaginárias que se depreendem do discurso do biólogo, da relação do sujeito fumante que atira a bituca no ambiente, faz pensar no que diz Borges (2016) em relação ao sujeito com a “cultura, o social, o histórico”. Ou seja, a posição sujeito, neste caso, o fumante, e o modo de descarte do cigarro passa por uma questão social, cultural e de prática de preservação do ambiente. Em outras palavras, demanda uma questão educacional e cultural de uso e de descarte do lixo e, logo, da bituca em locais determinados/apropriados.

De acordo com o governo do Estado de São Paulo²⁰ (2016), as pontas de cigarro podem causar incêndios nas rodovias, visto que, com o tempo mais seco, a umidade do ar cai, o que facilita as queimadas causadas pelo contato da bituca com a vegetação.

Nessa direção, discute-se a relação do sujeito, do consumo com o ambiente numa posição ecológica. Motta (2003, p. 19/32) afirma que

[...] é de dentro desse universo de consumo, ou consumismo urbano, que o discurso ecológico emerge para o social [...]. Analisar o discurso ecológico significa pensar o movimento ecológico em suas várias significações sócio históricas discursivas, nesse espaço caracterizado como político. Nesse espaço político e social, os seres humanos vivem em uma interdependência com a natureza, a princípio tão óbvio que se apagam os efeitos de sentido dessa discursividade sobre conscientização, preservação e desenvolvimento ambiental.

Em meio ao consumismo exacerbado e ao crescimento econômico acelerado, torna-se necessário entendermos a necessidade política do discurso ecológico que, de certa forma, apresenta-se, a nosso ver, estabilizado no que concerne à consciência ecológica na sociedade. Dessa maneira, em que consiste a formação do sujeito de direitos e deveres na relação com o ambiente?

No caso do cigarro, algumas medidas são propostas a fim de evitar esse descarte inapropriado como, por exemplo, veículos em que estes sujeitos possam inserir as bitucas até encontrar um lugar apropriado para descartá-las, também conhecidos como “bota bituca”, “porta bituca”, entre outros.

²⁰ Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/alerta-jogar-bitucas-de-cigarro-nas-rodovias-pode-causar-incendios/>. Acesso em 06 ago. 2018.



Figura 5²¹

O porta-bituca é um modo de encapsular a sobra, o lixo, produto final do cigarro. O porta-bituca funciona de modo a silenciar todo o processo de biodegradação. Ao apresentar o porta-bituca, produz-se o efeito de que toda a destruição ambiental deixa de existir.

Como pudemos observar, neste capítulo, o “ciclo destrutivo do tabaco” inicia-se desde o plantio com os trabalhadores, aqueles que estão presentes na colheita do produto, como também no processo de confecção do cigarro, com os operários nas indústrias. Estes, após o percurso de trabalho de manufatura e indústria, são enviados para a comercialização. O ciclo do consumo é, muitas vezes, encerrado com o descarte dos produtos nas ruas, o que compromete o ambiente, não mais apenas com a proliferação da fumaça, mas também com o efeito do descarte inadequado do produto em vias públicas.

Este capítulo possibilita, a nosso ver, pensar o processo de plantio, da relação do sujeito trabalhador, consumidor, do comerciante e do descarte do cigarro. Trata-se de um discurso denso – tabaco – cigarro. Isso suscita, para o II capítulo, pensar o cigarro e seus efeitos para o sujeito consumidor.

²¹ Cigarro: o vilão pode ser reciclado? 2012. Disponível em <http://felizitinerante.blogspot.com/2012/10/cigarro-o-vilao-pode-ser-reciclado.html>. Acesso em 12 mai. 2019.

CAPÍTULO II

DISCURSIVIDADES SOBRE O CIGARRO E O SUJEITO FUMANTE

Neste capítulo, ressaltaremos como o sujeito é individuado, ou seja, projetado de forma imaginária pelo discurso jurídico, em relação à questão do tabagismo, como também, às etapas das legislações referentes ao uso do cigarro e seus efeitos à saúde humana e ao ambiente.

2.1 O consumo do cigarro e a exposição à fumaça: efeitos à saúde

O cigarro é considerado uma droga lícita no Brasil e contém mais de 4.700 elementos tóxicos em sua composição.



Figura 06²²

O texto (figura 06), construído de linguagem verbal e imagem, traz um movimento de leituras. Teoricamente, o texto verbal e de imagem têm provocado, nos estudos da linguagem, distintas questões. Tem a ver com a inscrição teórica e com a concepção política de língua. Essa

²² Disponível em: <http://quibid.blogspot.com.br/2015/05/cigarro-o-inimigo-da-beleza.html>. Acesso em 02 fev. 2018.

inscrição teórica é o que media a leitura de um texto, ou seja, que norteia o estudo da linguagem. Assim, nenhuma leitura pode ser aleatória, mas deve ser questionada a evidência, a naturalização dos sentidos, o modo como o texto é construído, isto é, no jogo de cores, na formatação das letras, no conjunto, em suma, em suas condições de produção. O modo de compreender os efeitos do verbal sobre a imagem está ligado ao percurso da linguística.

Do ponto de vista da produção científica desse efeito de redução do não-verbal ao verbal já falamos do principal, ou seja, da dominância da produção do conhecimento linguístico, em torno do qual se juntam os outros efeitos. [...] o fato da Linguística ter, em primeiro, conseguido formalizar adequadamente seu objeto e caracterizá-lo (e caracterizar-se) em sua autonomia, não é sem importância nesse seu processo de dominância. A este ganho real e fecundo é que se juntaram os efeitos de exclusão e de redução sobre os quais estamos refletindo (ORLANDI, 1995, p.43).

Conforme Orlandi (*op.cit.*), os resquícios do modo como se concebe a sobredeterminação do verbal sobre o não verbal tem a ver com o modo como a Linguística formalizou seu objeto de estudo: a língua. Esse modo de formalizar o estudo da língua tem seu ganho no processo de dominância, todavia, há a exclusão do não linguístico, o não verbal.

A Análise de Discurso [...] restitui ao fato de linguagem sua complexidade e sua multiplicidade (aceita a existência de diferentes linguagens) e busca explicitar os caracteres que o definem em sua especificidade, procurando entender o seu funcionamento” (ORLANDI, 1995, p. 35).

Compreende-se, assim, que a partir da Análise de Discurso, outros tipos de linguagens, formas materiais de significação, como a dança, a pintura, a escultura, têm a sua densidade semântica, porque o discurso as atravessa e as constitui com suas diferentes formações discursivas. A leitura de diferentes textualidades exige um olhar minucioso no que se refere a uma leitura fora da literalidade, discutindo a significação das distintas materialidades discursivas, de modo que

A significação é um movimento, um trabalho na história e as diferentes linguagens com suas diferentes matérias significantes são partes constitutivas dessa história. [...] É no conjunto heteróclito das diferentes linguagens que o homem significa. As várias linguagens são assim uma necessidade histórica (*op.cit.*, p. 40).

É nessa direção que procuramos discutir como o sentido é construído nas diferentes linguagens do discurso antitabagista. No caso da (figura 06), observa-se, em relevo, a imagem do cigarro em círculo que entrelaça a imagem de uma caveira. Inscreve-se, por essa construção, a memória discursiva²³ da morte, do perigo e da tensão.

Na imagem, além dos inúmeros componentes químicos do cigarro, a caveira é um dos elementos que mais se destaca, visto que ela se encontra no centro. A caveira faz menção ao esqueleto, aglomeração de ossos de um vertebrado, na maioria das vezes, morto pelo efeito do produto, neste caso, o cigarro.

A morte é mais uma vez marcada nas imagens. Assim como podemos visualizar na figura 04, a placa em forma de cruz em que há um apelo ao cuidado ambiental. Na figura 06, há um destaque para as substâncias presentes no cigarro que provocam a morte. Diferentemente da morte ambiental, retratada na figura 04, encontramos, na figura 06, uma preocupação com os malefícios causados pelas substâncias presentes no cigarro que provocam a morte do sujeito, neste caso, o fumante.

Ao deslocarmos para o corpo do fumante, que, ao fumar, ingere substâncias como acetona, amônia, butano, alcatrão, formaldeído, cianeto, nicotina, ácido sulfúrico, metopreno, arsênio, cloridrato de nívol, DDT, monóxido de carbono e a nicotina, torna-se um corpo em processo de desintegração/decomposição, visto que os próprios enunciados nos maços trazem os efeitos maléficos causados pelo cigarro por meio dos dizeres: *fumar causa câncer* (vários tipos); *fumar causa impotência*; *fumar causa aborto espontâneo*, entre outros.

Todas essas advertências corroboram as diferentes formações imaginárias: a imagem que se tem daquele que fuma, daquele que vende o produto, daquele que diz sobre os componentes químicos do produto. A imagem que se tem do cigarro produz sentidos entrecruzados aos efeitos, consequências para o corpo, desde o mau hálito ao câncer que leva a morte, um dos maiores medos do ser humano.

Em torno da imagem em questão, há a textualização dos componentes químicos do cigarro, seu modo de uso e funções, em que se lê: nicotina – **usado** em repelentes, cianeto – **usado** nas câmaras de gás, formaldeído – **usado** na preservação de corpos, alcatrão – **usado** na preservação do asfalto, amônia – **usado** nos produtos de limpeza, acetona – **usado** como solvente, DDT – **usado** em inseticidas, cloridrato de vinil – **usado** na fabricação de vinil, arsênio – **usado** em veneno de rato, metopreno – **usado** em pesticidas.

²³ O conceito de *memória discursiva* será trabalhado ao longo do texto.

Chama-nos a atenção o modo de emprego do verbo *usar* nas diferentes formulações dos componentes químicos do cigarro, como também dizer sobre os componentes químicos do cigarro: como butano – gás de cozinha; ácido sulfúrico – encontrado em baterias de carro; monóxido de carbono – encontrado em exaustores de carros, têm o seu sentido.

Compreendemos, com Pêcheux (2009, p. 146), que

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência as formações ideológicas (no sentido definido mais acima) nas quais essas posições se inscrevem.

Isso significa pensar que as palavras, as imagens, as diferentes formas de linguagem tomam a sua dimensão dependendo das posições ideológicas. Dessa maneira, a imagem, enquanto discurso, traz à tona a presença marcante da morte, causada pelo uso e efeito do cigarro. Este constituído por elementos destrutivos, demonstrado em 13 itens na figura 06. Na medida em que o sujeito acende o cigarro, funciona como se acendesse um estopim de uma bomba. A leitura desse quadro, constituído pela imagem e pelo verbal, nos faz pensar também no que se lê nos rótulos de maços de cigarro:

Este produto contém **mais de 4.700 substâncias tóxicas**, e **nicotina** que causa dependência física ou psíquica. Não existem níveis seguros para consumo destas substâncias.

Com isso, torna-se importante observar, pelo gesto de leitura, o modo como a OMS diz de mais de 4.700 substâncias químicas do cigarro, mas apenas destaca uma, a nicotina, como aquela que causa dependência física ou psíquica. Nomear apenas uma substância dentre milhares, significa dizer de uma gota na espessura de um oceano. Dessa maneira, como o sentido é produzido no discurso antitabagista?

O sentido tem uma matéria própria, ou melhor, ele precisa de uma matéria específica para significar. Ele não significa de qualquer maneira. Entre as determinações – as condições de produção de qualquer discurso – está a da própria matéria simbólica: o signo verbal, o traço, a sonoridade, a imagem etc. e sua consistência significativa. Não são transparentes em sua matéria, não são redutíveis ao verbal, embora sejam intercambiáveis, sob certas condições. (ORLANDI, 1995, p. 39).

O jogo saúde x doença, morte x vida, apaga, pelo jogo da responsabilização, o Estado como o não responsável pelo consumo, visto que ele alerta sobre os malefícios advindos de seu uso contínuo (o tabaco). O sujeito fumante, nesse caso, torna-se responsável pelo consumo, uma vez que, mesmo alertado, insiste/quer fumar. Esse jogo de responsabilização x irresponsabilização silencia os ganhos astronômicos do Estado com a produção e o consumo do cigarro.

De acordo com a OMS, o tabagismo passivo é a 3º maior causa de morte evitável do mundo.

Vejam os um cartum²⁴, que satiriza a condição dos fumantes ativos e passivos:



Figura 07²⁵

O cartum coloca em questão a relação entre sujeito, tabaco e ambiente. Há uma sátira, todavia, que trata de algo profundamente opaco em uma primeira leitura. Sabe-se que o efeito ideológico elementar produz, na/pela linguagem, o efeito de evidência, naturalizando o sentido. É justamente isso que nos permite questionar a materialidade simbólica.

No texto, há um jogo entre a posição sujeito fumante e a não fumante. De um lado, o fumante ativo e de outro o passivo. O fumante ativo decide fumar voluntariamente, enquanto o fumante passivo é aquele que inala a fumaça de fumantes ao seu redor. Nesse confronto, o

²⁴ Desenho humorístico ou caricatural, espécie de anedota gráfica que satiriza comportamentos humanos, geralmente destinada à publicação jornalística Dicionário Google. Disponível em: <https://www.google.com>. Acesso em 06 fev. 2019.

²⁵ Ilustração de Artistan. Disponível em https://fr.123rf.com/photo_18690975_de-la-fum%C3%A9-sort-de-la-cigarette-un-homme-s-tire-une-dame.html. Acesso em 12 mai. 2019.

sujeito passivo é tomado, interpelado ao consumo, aos efeitos do cigarro pela fumaça, tal como se visualiza na imagem.

Na figura 07, há um homem fumante ativo, que acaba por fazer com que a mulher e a criança fumem passivamente, por estarem próximos uns dos outros. A propagação da fumaça assume uma forma de monstro, buscando suas possíveis vítimas pelas mãos.

O monstro é uma figura que povoa o imaginário do sujeito, desde a infância, por meio das narrativas, que provocam horror. Neste caso, a fumaça toma corporeidade na figura do monstro, na ambiência, em que mãe e filho habitam. A figura do monstro produz efeitos de sentido, em que o fumante passivo é assombrado pelo “monstro do cigarro”. O filho é quem interpela a mãe a não ser sugada pela ação do outro (possível pai). Nessa direção, o fumante passivo remete ao que a OMS divulgou sobre as consequências do tabagismo passivo, o qual é a 3º maior causa de morte evitável do mundo.

Observamos que, no cartum, produz-se um efeito de sentido cristalizado a respeito do fumante, um sujeito que não se importa e que toma uma postura despreocupada em relação aos malefícios que a fumaça pode provocar à sua família ou àqueles que lhe estão próximos. Apesar da fumaça ser, metaforicamente, o monstro, que interpela o sujeito ao uso do cigarro, neste caso a mulher, possível esposa, é importante observar, no cartum, que quem produz o monstro é o próprio homem, mas que parece ter uma postura alheia à fumaça e aos seus efeitos.

Como dissemos, esse é um sentido cristalizado sobre o fumante, ao qual atribui-se sentidos de displicência e de irresponsabilidade, silenciando os sentidos do tabagismo enquanto doença, da involuntariedade, do inconsciente que atravessa o sujeito fumante, e os conflitos causados pelo vício. Contudo, o efeito de alheamento por parte do sujeito fumante produz efeitos de desresponsabilização pelo Estado (que “adverte” de todas as formas) a um sujeito que quer, apesar de tudo, fumar.

Com isso, a narratividade das histórias de monstros, normalmente contadas para crianças a fim de inibir atos nocivos e preservar o bom comportamento, ganham outros sentidos, neste caso, você se torna responsável e sofre as consequências da ação do outro, o fumante. Nessa direção, a figura do monstro assombra tanto o sujeito passivo, que sofre com os danos causados pela fumaça, como também o fumante ativo, que luta contra o vício.

No texto de imagem, o sentido é construído pelo atravessamento das diferentes formações discursivas e formações imaginárias, que permitem ao fio do discurso fazer uma leitura não trivial dos efeitos da fumaça no ambiente, pois ela é responsável por mais de 4.700

componentes químicos, sendo 69 cancerígenos, de acordo com estudos científicos. Por isso, o fumante passivo também é prejudicado pelo efeito do cigarro em sua ambiência.

Com isso, nesta reflexão, “[...] não se está centrado no conteúdo dizendo somente da descrição ou da estrutura linguística” (MOTTA, p. 215, 2016), mas dos sentidos transversos que entrecruzam a materialidade simbólica.

Nessa direção, é interessante ressaltar, pela SD 2, o discurso do fumante passivo a respeito do fumante ativo:

SD 2 – Coisa chata são os fumantes **mal educados**. Tá no meio do povo e saca aquele **fedor**. Por mim fumante usava um **capacete** pra segurar a **fumaça** somente em volta dele, pra somente ele **aspirar** sua fumaça”. (Blog *Testando e Postando*, grifos nossos)

Sujeito fumante/fedor/fumante usava um capacete. Capacete para segurar a fumaça/fumaça somente em volta dele/prá somente ele aspirar sua fumaça. A relação entre sujeito, espaço e fumaça se realiza de uma forma que o particulariza. Em se tratando da fumaça, sabe-se que, ao fumar, o sujeito espalha a substância química no ambiente. Este movimento de consumo do cigarro torna-se, por sua vez, o divisor do sujeito fumante na sociedade. O cheiro da fumaça e a sua proliferação, no espaço, contribui para o distanciamento daqueles que estão ao redor. Isso decorre do fato de que, ao fumar, o sujeito fumante é observado como mal-educado, fedido ou chato.

Dito isso, compreende-se que o sujeito consumidor do cigarro está fadado a individuar-se, separar e inalar a sua própria fumaça, pois, nos dias atuais, o sujeito não fumante é resguardado pela lei antitabagista que interdita o uso do cigarro em determinados locais. Nesse processo, chama a atenção a fumaça como um elemento químico e seus efeitos na ambiência. Dessa maneira, o sujeito fumante que produz a fumaça, no espaço, em confronto com o outro, passa a ser observado como mal-educado, como aquele que produz fedor e, como consequência, deveria usar capacete e aspirar sua fumaça, uma relação de causa e efeito, de segregação.

Em meio aos discursos de aversão dos não fumantes, entrecruza o discurso científico:

[...] a ciência demonstrou de maneira inequívoca que o consumo e a exposição à fumaça do tabaco são causas de mortalidade, morbidade e incapacidade e que as doenças relacionadas ao tabaco não se revelam imediatamente após o início da exposição à fumaça do tabaco e ao consumo de qualquer produto derivado do tabaco (OMS/CQCT).

Desse modo, medidas foram tomadas a fim de resguardar a relação entre a posição sujeito fumante e não fumante, como, por exemplo, o fim dos fumódromos em ambientes coletivos. O fumódromo²⁶ era uma área destinada, exclusivamente, ao uso de cigarros e seus afins, como charutos, cachimbos etc.

Aprovada em 2011, mas regulamentada em 2014, a **Lei 12.546** proíbe o ato de fumar cigarrilhas, charutos, cachimbos, narguilés e outros produtos em locais de uso coletivo, públicos ou privados, como halls e corredores de condomínios, restaurantes e clubes – **mesmo que o ambiente esteja parcialmente fechado por uma parede, divisória, teto ou toldo.** (ANVISA).

A lei imprime uma regularidade jurídica de interdição na relação do sujeito com o ambiente, pelo ato de fumar cigarrilhas, charutos, cachimbos, narguilés etc. “O excerto nos faz pensar na significação do acontecimento político, na relação do homem com o espaço em distintas épocas, condições de produção e materialidades” (MOTTA, 2012, p. 20). Entendemos, pela Análise de Discurso, que a lei antitabagista funciona delimitando sentidos de um antes e um depois.

Dito de outro modo, a lei funciona, nesse discurso, como um acontecimento discursivo:

[...] explicitar/trabalhar a eficácia ideológica de determinado corpus em análise implica descrever as operações de formulação que constituem as sequências discursivas como reformulações presas na rede de enunciados (domínio de saber) e na rede de lugares enunciativos (modos de dizer/modalidades enunciativas) que inscrevem o sujeito no fio do discurso. (ZOPPI FONTANA, 2001, p.21)

Nos dias atuais, a Lei Antitabagista 12.546 destituiu o espaço para os fumantes em bares, restaurantes e nas ruas.

²⁶ Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/fum%C3%B3dromo/3073/>. Acesso em 31 jan. 2019.



Figura 08²⁷

Ao dizer sobre o cigarro, no recorte do Blog *Testando e Postando*, emerge, pelo discurso, as formações imaginárias do sujeito fumante e do espaço, de modo que, entre a formulação e a figura 08, sentidos se tocam sobre o efeito do tabaco, consumo e espaço. Nessa direção, o sujeito fumante é interpelado a se individualizar, particularizar o gesto de fumar, tal como se visualiza na figura 08. Está funcionando, teoricamente, como um modo de individuação do sujeito. O sujeito é particularizado ao inalar a própria fumaça em espaço restrito. Por outro lado, a maioria reconhece que a fumaça pode gerar malefícios.

Na figura 08, o sujeito fumante é tragado justamente com a fumaça por estas “estufas”, que retiram do ar o que está doente. Todas as imagens abordadas até aqui, pensadas discursivamente, produzem efeitos de sentido de morte, mas de uma morte praticada voluntariamente pelo sujeito fumante, o suicídio. Trata-se de um jogo de desresponsabilização (do Estado) e do silenciamento do discurso econômico.

Spink²⁸ apresenta entrevistas de alguns fumantes a respeito das pressões que enfrentam com o vício:

SD 1 – Então foi como eu te falei, você acaba se sentindo mal, **excluída**, e olhe lá. Nossa, mas a gente acaba dando um jeitinho e tal; mas você acaba se sentindo **mal** mesmo. Eu estou nessa neura aí, eu sou excluído, eu não posso isso, não posso aquilo, ai (F5♀, 50 anos ou mais). (SPINK, 2010, sem página, grifos nossos).

²⁷ Fumódromos. Disponível em: <https://ehnadotcom.wordpress.com/2012/05/21/fumodromos/>. Acesso em 29 jan. 2019.

²⁸ Spink, Mary Jane P. *Ser fumante em um Mundo Antitabaco: reflexões sobre riscos e exclusão social*. 2010. Disponível em <https://www.scielo.org/article/sausoc/2010.v19n3/481-496/>. Acesso em 25 jan. 2018.

SD 2 – Eu sei que é **desagradável**; eu sei que é desagradável, o cheiro é **ruim**, né, é **horrível**. Você sente... a pessoa que não está acostumada, que não é fumante, ela fica impregnada também, é horrível, meu. Tem que respeitar, né, esses locais que restringem, que são proibidos e tal (F5♀, 50 anos ou mais) (idem, 2010, sem página, grifos nossos).

SD 3 – Não, tá certo, porque eu sei que quem não fuma, e um fumante perto dele fumando, a pessoa que não fuma acaba... O cigarro faz mais **mal** para aquela pessoa que não fuma. O médico mesmo fala. [...] Então assim, se eu estiver fumando e tiver uma pessoa e falar, ficar **incomodada** com o cheiro do cigarro, eu tenho essa consciência de pegar e apagar o meu cigarro (FT10♀, 31-49 anos) (idem, 2010, sem página, grifos nossos).

Os termos destacados das formulações: *excluída*, *mal*, *desagradável*, *ruim*, *horrível*, *incomodada* colocam em funcionamento o sentido de *mal* (exclusão, auto apartação), produzido pelo cigarro. Aqui, temos o discurso do fumante, que diz do seu incômodo e, ao mesmo tempo, da impossibilidade de deixar o cigarro. O sujeito diz do seu lugar de fumante, de dependente de um produto denominado como droga lícita, regulamentado pela Lei Antitabagista, de modo que a Lei Antitabagista individua o sujeito.

Segundo Orlandi (2014), a individuação do sujeito está associada ao modo como o sujeito é interpelado a responsabilizar-se. Neste caso, o sujeito se comprime em um espaço, em um gesto que o particulariza entre os demais. De acordo com Carvalho (2018), há uma segregação, isto é, uma divisão entre fumantes e não fumantes, ocasionando, assim, um isolamento dos usuários do produto como forma de castigo ao ato de fumar:

O fumante tem sido percebido como nocivo à sociedade, pois há uma construção social negativa do sujeito fumante a partir dos domínios discursivos jurídico e médico-científico [...] como sendo um exemplo social negativo, sujo, inconsequente, estúpido e criminoso. [...] O fumante é visto como um inimigo social e seu o comportamento reprovável se torna digno de punição (CARVALHO, 2018, p. 3/4).

O discurso antitabagista manifesta a posição de sujeitos (e de órgãos públicos) de difundirem um conceito ideológico de higienização social.

2.2 Lei Antifumo

No dia 2 de junho, o Diário Oficial da União publicou o Decreto nº 8.262/2014, que institui a Lei Antifumo²⁹ no país. Dentre as novas regras, está proibido o consumo de cigarros, cigarrilhas, charutos, entre outros, em locais fechados de uso coletivo – públicos ou privados. Os narguilés, também, foram incluídos.

Observemos:

Art. 2º É proibido o uso de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco, **em recinto coletivo fechado, privado ou público.**

§ 3º Considera-se recinto coletivo o local fechado, de acesso público, destinado a permanente utilização simultânea por várias pessoas (NR).

O *Art. 2º* da lei antitabagista determina o não uso do cigarro em ambientes fechados de uso coletivo, como hall e corredores de condomínio, restaurantes e clubes, universidades, espaços de exposições, casas de shows, hotéis, shoppings, ambiente de trabalho e veículos públicos e privados. Como, também, os fumódromos foram eliminados. Porém, a lei não atinge o uso de cigarro em vias públicas, residências ou áreas ao ar livre.

É proibido, mesmo em pontos de venda, a propaganda comercial do produto. É permitida sua exposição, desde que esteja acompanhada por mensagens que apontem os malefícios causados pelo tabagismo.

Art. 3º É vedada, em todo o território nacional, a propaganda comercial de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco, com exceção apenas da exposição dos referidos produtos nos locais de vendas, desde que acompanhada das **cláusulas de advertência** [...].

O *Art. 3º* diz da não propaganda nos locais de venda do cigarro, entendendo, ideologicamente, que a linguagem da propaganda funciona como um modo de interpelação para o consumo. O artigo salienta ainda que, no espaço comercial de venda, faz-se necessário a presença das cláusulas de advertência que podemos observar nas carteiras de cigarros que apresentam enunciados como: *Este produto contém mais de 4.700 substâncias tóxicas, e nicotina que causa dependência física ou psíquica. Não existem níveis seguros para consumo destas substâncias.*

²⁹ Lei Antifumo. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2011/lei-12546-14-dezembro-2011-612002-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2019.

Os espaços para alertas sobre os danos causados pelo tabaco foram ampliados, nos maços de cigarro, e agora devem aparecer em 100% da face posterior das embalagens, de uma das laterais e o texto de advertência adicional em 30% da parte frontal dos maços de cigarros.

§ 5º Nas embalagens de produtos fumígenos vendidas diretamente ao consumidor, as cláusulas de advertência [...] serão sequencialmente usadas, de forma simultânea ou rotativa, nesta última hipótese devendo variar no máximo a cada 5 (cinco) meses, inseridas, de forma legível e ostensivamente destacada, em 100% (cem por cento) de sua face posterior e de uma de suas laterais.

§ 6º A partir de 1º de janeiro de 2016, além das cláusulas de advertência [...] nas embalagens de produtos fumígenos vendidas diretamente ao consumidor, também deverá ser impresso um texto de advertência adicional ocupando 30% (trinta por cento) da parte inferior de sua face frontal.

Conforme os incisos § 5º e § 6º da lei antitabagista, a embalagem do cigarro deve estar envolta de textos de advertência, com o propósito de salientar os malefícios causados pelo uso do cigarro e inibir seu consumo. Isso significa que, embora o uso do cigarro apresente efeitos nocivos à saúde, a sua comercialização é livre, desde que o sujeito seja alertado sobre o que o produto pode causar. O discurso antitabagista, presente nos maços de cigarro, vai em uma direção de didatização. A questão que se impõe, no entanto, é: como produzir o efeito de conscientização para o sujeito leitor? Como trabalhar a deslinearização do texto nas embalagens?

Nessa direção, entre o proibido e o permitido, os estabelecimentos de comercialização do cigarro tornam-se responsáveis por textualizar informações sobre o uso do tabaco na saúde como também por garantir ambientes livres do produto. O desrespeito à lei pode gerar advertência, multa, interdição e cancelamento da autorização para funcionamento com alvará de licenciamento suspenso. As multas giram em torno de R\$ 2 mil a R\$ 1,5 milhão, de acordo com o caráter da infração:

[...] na observância dos atravessamentos ideológicos do discurso Médico-Científico e do próprio Estado, por meio do legislativo, que, de uma forma ou de outra, tenta mediar as lutas econômicas e os interesses sociais em jogo, tais como: controlar a venda/compra dos produtos derivados do tabaco e como também evitar/diminuir os gastos com a Saúde pública – incita à população a um discurso que objetiva à **higienização social** da prática tabagista por meio da **criminalização do ato de fumar** (CARVALHO, 2017, p. 4).

Nota-se, pelo discurso médico-científico, e do Estado operacionalizado, pelo jurídico, os sentidos do dizer do efeito do produto químico na saúde, e com este diminuir e/ou evitar

gastos com a saúde pública. De certo modo, o discurso antitabagista produz, no social, as formações imaginárias do produto na sociedade e, conseqüentemente, traz à tona a ideia da higienização social.

Sob essa compreensão, observamos que o não uso do cigarro, em determinados locais, individua o sujeito a se responsabilizar pelo ato de fumar e seus efeitos. A posição do Estado, na implementação de leis, traz, pelo discurso jurídico, o imaginário do sujeito de direito e do sujeito que infringe essa regularidade. Portanto, a prática tabagista, dependendo de qual ambiente em que é praticada, torna-se crime e impede os sujeitos de circularem livremente.

2.3 Espaços interditados e o fumante: modos de dizer

O sujeito é mediado e se significa na/pela linguagem. Nesse processo, o sujeito constrói as relações de sentido como um modo de se significar no tempo e no espaço. Assim, um simples enunciado do cotidiano, em um distinto espaço público ou privado demanda interpretação. O sujeito é sujeito da interpretação (ORLANDI, 2012). É pela interpretação que o sujeito constrói a significação do mundo, do espaço, pelo simbólico.

De acordo com Sobral (2017 *apud* Oliveira, 2008, p. 52), o espaço, quando pensado de um ponto de vista geográfico, é

[...] mais que uma unidade, uma medida ou uma forma de delimitação de um espaço geográfico, o território é definido por uma apropriação que deles fazem os seus habitantes. Assim, o território ganha contornos a partir das múltiplas experiências vivenciadas e através das representações construídas sobre ele. Por meio das práticas e crenças sociais, são construídas as especificidades que permitem compor um sentimento de pertencimento, isto é, de territorialidade, capaz de definir os integrantes e os excluídos daquele espaço físico e sociocultural. Através das representações, cria-se e/ou se forja uma identidade, definindo os sujeitos pertencentes àquele lugar.

O discurso faz pensar o modo de pertencimento do sujeito a um determinado espaço/território, marcado pelas relações sociais. O espaço, nesse sentido, é construído pelas representações que se instituem sobre ele. De um ponto de vista discursivo, tem-se um modo diferente de compreender a mediação entre o sujeito com o espaço, pela interpretação.

De acordo com Orlandi (2012), o espaço urbano, quando pensado em uma perspectiva discursiva, está ligado à história e à língua. Estas se articulam produzindo sentidos. Nessa direção, o espaço da cidade compreende um espaço simbólico trabalhado na/pela história, um espaço de sujeitos significantes, um espaço em que o social é significado pela quantidade.

Nessa linhagem, a materialidade simbólica se dispersa na cidade e evoca o olhar do sujeito leitor, interpelando-o a significar. “A interpretação ocorre através dos *processos de identificação*, em que o *sujeito* e *sentido* são simultaneamente produzidos, e, com a teoria do discurso, procura-se compreender de que modo isto se dá” (SILVA, 2012, p. 24).

Assim, o enunciado, encontrado em espaços públicos e privados, demanda interpretação. Em um caso particular, temos a linguagem que diz sobre a questão do tabaco, trazendo a seguinte orientação: *Proibido Fumar; Proibido fumar neste ambiente; Proibido fumar aqui*. Essas orientações estão respaldadas no Decreto nº 8.262/2014, que institui a Lei Antifumo³⁰ no país. A lei, por sua vez, se efetua legitimando o sujeito de direito e deveres, interditando sentidos em locais permitidos e não permitidos para fumantes.

Vejamos:



Figura 09³¹

O texto, vinculado no blog intitulado *Testando e Postando*, em 2017, em referência ao festival *Rock in Rio*, coloca em questão a relação do sujeito fumante com o espaço. É possível ler, no texto verbal e no de imagem, sentidos que se referem ao uso do cigarro. A formulação

³⁰Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2011/lei-12546-14-dezembro-2011-612002-normaatuizada-pl.pdf>. Acesso em 12 mar. 2019.

³¹ Rock in Rio. Disponível em: <http://testandopostando.blogspot.com/2017/09/um-dia-de-rock-in-rio-eu-fui.html>. Acesso em 29 jan. 2019.

verbal diz *Fumar não rola* e o texto de imagem do cigarro interdita sentidos sobre seu uso no recinto. A leitura do texto traz dois modos de textualizar o não uso do cigarro. Podemos dizer que as leituras depreendidas desse texto mostram o modo de funcionamento do discurso. Assim, não estamos produzindo uma leitura em que haja sobreposição de um pelo outro, mas procurando compreender como o sentido é produzido nessa materialidade discursiva.

Desse modo, o enunciado *Fumar não rola*, escrito em uma placa de cor vermelha (sinal de trânsito-Pare), traz à tona o interdiscurso, a memória discursiva do que já se propagou sobre os efeitos nocivos do cigarro, da interdição de sentidos que remetem à lei antitabagista.

Nessa direção, Orlandi (2012, p. 180) explica que a memória discursiva

[...] é o que chamamos de interdiscurso, o saber discursivo, a memória do dizer, e sobre a qual não temos controle. Trata-se do que foi e é dito a respeito de um assunto qualquer, mas que, ao longo do uso já esquecemos como foi dito, por quem e em que circunstâncias e que fica com um já-dito sobre o qual nossos sentidos se constroem.

Ainda em Orlandi (*idem*, p. 59), o interdiscurso

[...] é o conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, sustentando a possibilidade mesma do dizer. Para que nossas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido. Esse efeito é produzido pela relação com o interdiscurso, a memória discursiva: algo fala antes, em outro lugar, independentemente.

O discurso faz pensar que um dizer vem de uma memória discursiva daquilo que já temos construído sobre um determinado assunto. Podemos compreender, pelo percurso teórico, que o que se diz sobre algo faz parte de um já dito e é sobre este que o dizer se significa enquanto memória discursiva. Assim, dizer que fumar não rola faz parte de uma memória discursiva de que o cigarro é prejudicial à saúde do fumante e do não fumante, como também ao ambiente.

No texto da figura 09, a placa em que se lê *Fumar não rola* se dispersa no espaço do evento *Rock in Rio*, se remete à formatação de uma placa de sinalização de trânsito pelo modo como é construída. A cor vermelha, ao fundo da placa, demanda sentidos ao texto que perpassam por uma memória de interdição, de alerta e de advertência.

Além disso, a formulação *Fumar não rola* pode estar mais direcionada ao público jovem, visto que há um “elevado aumento do número de fumantes e outras formas de consumo de tabaco entre crianças e adolescentes em todo o mundo, [...] se começa a fumar em idades cada vez menores” (OMS/CQCT). Assim, a expressão *não rola*, em circulação no *Rock in Rio*,

tem a sua significação em relação a um público alvo. O enunciado *rola ou não rola* abre para múltiplos sentidos, entre eles, a possibilidade de algo acontecer ou, até mesmo, ao paquerar alguém.

Vejamos:

1 – “Vai rolar a festa hoje?”.

2 – “E aí? Eu e você, rola ou não rola?”.

Desse modo, a advertência *É proibido fumar* ganha uma nova roupagem, pelo efeito metafórico de deslizamentos de sentidos que se entrecruzam, tanto na imagem quanto na formulação *Fumar não rola*.

Pêcheux (1975 *apud* ORLANDI, 2013, p. 44) afirma que, no efeito metafórico,

[...] o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (metáfora), que elementos significantes passa a se confrontar, de modo que se vestem de um sentido. Ainda segundo este autor, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos) das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório.

De acordo com Orlandi (*op.cit.*), as palavras emanam seus sentidos das formações discursivas com que se vinculam, pois elas, as palavras, não têm um sentido nelas mesmas. As palavras “falam”, discursivizam, com outras palavras, de modo que toda palavra é sempre componente de um discurso e todo discurso se apresenta na relação com outros.

Nessa direção, a constituição dos sentidos e dos sujeitos tem como base a metáfora. Segundo Orlandi (2013, p. 04) “[...] a metáfora está na base da significação”, e nós estendemos: a metáfora estrutura os processos de constituição dos sujeitos. O processo metafórico é, assim, o eixo da construção da linguagem e, portanto, dos sentidos.

Assim, observamos, pelo movimento discursivo, pelo efeito metafórico, que medidas foram adotadas a fim de advertir e inibir o uso do cigarro entre jovens, lembrando que “a instalação do hábito de fumar é um fenômeno que recai sobre o adolescente. O hábito de fumar se instala principalmente aos 15 ou 16 anos” (BAT – *British American Tobacco*, 1977).

As pesquisas realizadas no Brasil por diferentes instituições de referência no assunto na última década indicam que o uso de tabaco ocupa o segundo lugar

no ranking de drogas mais experimentadas no país. A idade média de experimentação de tabaco entre os jovens brasileiros é de 16 anos de idade, tanto para meninos quanto para meninas. Nacionalmente, a frequência de fumantes jovens do sexo masculino tende ser maior do que do sexo feminino. (Pesquisa Nacional de Saúde Escolar, 2015).

Há medidas protetivas sobre o não uso do cigarro, no entanto, há, na sociedade, elementos como músicas, filmes, imagens etc. que fazem menção ao produto, deliberadamente. Traremos algumas sequências de formulações, colocando em visibilidade trechos de músicas, particularmente, do estilo musical conhecido como sertanejo universitário.

Nessa direção, ressaltamos alguns sucessos: *Nada, nada*, de Henrique e Juliano, *Um maço de cigarro e uma garrafa*, de Fernando de Sorocaba, *Meu coração deu PT*, de Wesley Safadão, e *Conveniência*, de Hugo e Guilherme.

“Você me pisou igual se pisa em **bituca de cigarro...**”
 “Agora eu tô no bar do Araújo bebendo de tudo”.
 (Nada nada – Henrique e Juliano, 2015).

“A **fumaça** não volta pro **cigarro...**”
 “Só eu, **um maço de cigarro** e uma garrafa.”
 (Um maço de cigarro e uma garrafa – Fernando e Sococaba, 2016).

“Pegar meu violão, um copo, uma cerveja, um whisky e um **cigarro.**”
 (Meu coração deu pt – Wesley Safadão, 2016).

“Comprando chiclete, duas cervejas e um **cigarro**”.
 (Conveniência – Hugo e Guilherme, 2017).

É interessante observar que as quatro letras de músicas, além de fazer menção ao cigarro, em todos os casos, mostram como o produto vem acompanhado de bebida alcoólica: “bar do Araújo/bebendo de tudo”, “uma garrafa”, “um copo/uma cerveja” e “duas cervejas”. Assim, podemos inferir que o uso da bebida alcoólica e do cigarro, em muitos casos, pode vir acompanhado um do outro. Vejamos que, embora haja, no país, respaldos e advertências jurídicas para as causas e consequências do consumo da bebida alcoólica e do cigarro, são dois produtos que continuam a reverberar sentidos, no cotidiano.

No caso da música, o sertanejo universitário é um estilo musical caracterizado por misturar música sertaneja, brega, com toques e batidas do arrocha. O próprio nome diz do seu público alvo: os universitários. Trata-se de um público de jovens que, muitas vezes, se reúnem em barzinhos e ouvem, nas músicas, os seus próprios interesses. Modos de interpelação em relação a beber, fumar, dançar e paquerar.

Outro fator é que um grande número de músicas marca, historicamente, a presença masculina, encontramos, porém, na relação texto/musicalidade, a figura da mulher que compra a cerveja e o cigarro.

Em 2009, a SENAD (Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas) e a FMUSP (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) realizaram o I LENAD (Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e outras Drogas), entre universitários de instituições de ensino superior (IES) públicas e privadas de 27 capitais brasileiras.

Vejamos o quadro³² abaixo, que se revela como um espaço de leitura que demonstra a relação do uso do tabaco entre universitários:

Prevalência de uso de tabaco nos últimos 30 dias entre universitários										
Universitários 27 Capitais brasileiras	Total	Gênero (%)		Tipo de Instituição de Ensino Superior (%)		Região (%)				
		Masc	Fem	Púb	Priv	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro- Oeste
	21,6	23,5	20,1	13,2	23,7	14,1	13,3	23,9	25,8	18,9

Gráfico 1³³

Observa-se, pela leitura do gráfico, que

Os resultados apontaram que estudantes universitários do sexo masculino iniciaram (experimentaram pela primeira vez) o uso de tabaco aos 15,9 anos de idade e os do sexo feminino, aos 16 anos, perfazendo uma média de 16 anos. A prevalência de uso de tabaco nos últimos 30 dias entre os universitários foi de **21,6%**, sendo maior entre os homens (**23,5%**) do que entre as mulheres (**20,1%**). A frequência de universitários que usaram tabaco nos últimos 30 dias em IES privadas (**23,7%**) é maior do que públicas (**13,2%**). O percentual de universitários usuários de tabaco variou no território brasileiro de **13,3%** no Nordeste a **25,8%** do Sul. (LENAD, 2009, grifos nossos).

³² É importante atentar para a binaridade (masculino X feminino) no gráfico, ou seja, a questão de identidade de gênero, não abarcando os demais gêneros. No momento, não nos deteremos a essa questão.

³³ LENAD (Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas) entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras, 2009. Disponível em <https://www.inca.gov.br/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/dados-e-numeros-prevalencia-tabagismo>. Acesso em 12 mai. 2019.

O gráfico 1 permite, à nossa compreensão, refletir sobre o discurso estatístico, pelo efeito da transparência do dizer. Trata-se de um discurso que opacifica e naturaliza o papel do Estado. Todo esse excesso é praticado por sujeitos – isenção do Estado.

CAPÍTULO III

INTERPRETAÇÃO EM QUESTÃO: O VERBAL E O NÃO VERBAL NAS CAMPANHAS ANTITABAGISTAS

Neste capítulo, apresentamos o texto de campanhas antitabagistas, com o objetivo de analisá-las, mobilizando, principalmente, os conceitos de *sujeito*, de *interpretação*, entre outros, propostos por M. Pêcheux, década de 60, e difundidos, no Brasil, por E.Orlandi.

A questão do texto, o modo como é construído, ou seja, a materialidade discursiva já demanda um gesto de interpretação, de inserção, inscrição do sujeito leitor, de modo que “saber como se elabora um texto é saber elaborar teoricamente as novas formulações que hoje se produzem. Novas formas de textualidade” (ORLANDI, 2012, p.15). Dito em outras palavras, significa que a teoria media a ação do sujeito em relação ao texto, o que implica em dizer que a leitura é distinta tal como são distintas as formas de textualidade.

Em se tratando da imagem, esse efeito de opacidade, que lineariza o texto, tornando-o plano e homogêneo, instiga-nos a produzir uma leitura não superficial, heterogênea, ou seja, para além das evidências, aberta com múltiplas possibilidades de sentido. Desse modo, de acordo com Souza (1997, 2001), a imagem, para significar, não depende da palavra. A significação da imagem (em termos ideológicos) se constrói de forma diferente, recebendo algumas vezes o *status* de linguagem, outras vezes o de cenário ou de ilustração. Além disso, a imagem também recebe o mito da informação, isso porque, em sua especificidade, e em meio a outras formas de expressão não verbal, ela se constitui em texto, em discurso. Vejamos:

Analisar a imagem como discurso permite ainda entender como funcionam os discursos sobre a imagem; discursos que vêm corroborando o mito da informação (evidência do sentido), aliado a um outro mito – o da visibilidade (a transparência da imagem), os quais são fundados nos e pelos aparelhos mediáticos que produzem a assepsia da comunicação, e do próprio acontecimento discursivo, no caso, à mercê dos esforços que procuram despi-lo ao máximo da sua complexidade (SOUZA, 2001, p. 93).

Como podemos observar, no discurso, segundo Souza (*op.cit.*), a leitura da imagem é multidirecionada, ou seja, depende do olhar do leitor, diferentemente da leitura da palavra que pede uma direcionalidade na estrutura formal da página. A imagem não fala, ela significa. Sendo assim, compreender a imagem enquanto discurso é conceder-lhe um sentido, tal como

formula Pêcheux (1999), sem recorrer à descrição (ou segmentação) dos seus elementos visuais, mas nos sentidos transversos.

Ao se interpretar a imagem pelo olhar – e não através da palavra – apreende-se a sua matéria significante em diferentes contextos. O resultado dessa interpretação é a produção de outras imagens (outros textos), produzidos pelo espectador a partir do caráter de incompletude inerente, eu diria, à linguagem verbal e não-verbal (SOUZA, 2001, p. 73).

Souza (*op.cit.*) comenta que a incompletude da significação da imagem indica a sua recursividade. Ou seja, o olhar, ao recortar um dos elementos formadores de uma imagem, produz outra imagem, outro texto, ininterruptamente, e de forma inteiramente ilimitada. Desse modo, há imagens que estão implícitas (não estão visíveis) por meio de um jogo de imagens antecipadamente apresentadas. Por outro lado, outras são apagadas, silenciadas, proporcionando, assim, uma jornada aberta à significação, à interpretação (SOUZA, *op.cit.*).

Dito isso, remetemo-nos à questão da interpretação, na materialidade discursiva do texto de imagem. Conforme Souza (*op.cit.*), a imagem mediada pelo sujeito leitor não produz o visível, mas torna-se visível pelo trabalho do gesto de interpretação e pelo efeito de sentido que se estabelece entre a imagem e o olhar. Diríamos que é o gesto de leitura que media a relação do sujeito com o mundo.

Conforme Orlandi (2012, p.18), “[...] o gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é “materializada” pela história”. Isto significa que a história não é concebida como uma questão cronológica, factual, mas como constitutiva da significação, da inscrição da língua (na história) e que tem a ver também com as condições de produção nos sentidos amplo e estrito. Assim, vejamos os textos verbal e de imagem, questionando-os.

As campanhas apresentam, em sua maioria, como o corpo do sujeito é afetado pelo fumo. A campanha na embalagem tem o efeito ideológico de provocar múltiplas leituras, trazendo como materialidade discursiva o texto de imagem e escrita, produzindo efeitos de sentido entre interlocutores. A nosso modo, este texto, disponibilizado em diferentes espaços comerciais, funciona como uma chamada, um alerta, uma advertência acerca dos efeitos nocivos do cigarro à saúde.

A ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), após nove anos, decidiu mudar os textos de alerta contidos nas embalagens:



Figura 10³⁴

As campanhas antitabagistas sofreram mudanças significativas, com o passar dos anos, pois, cada vez mais, passaram a colocar, em relevo, os danos causados pelo uso do tabagismo à saúde de seu consumidor³⁵.

³⁴ Conjunto de imagens da terceira campanha³⁴ nas embalagens de cigarro. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/anvisa-divulga-novas-imagens-de-advertencia-para-embalagens-de-cigarro.ghtml>. Acesso em 15 mar. 2016.

³⁵ Desde 2001, acompanhamos textos de escritas e imagens que ora se apresentavam de maneira mais eufêmica ora de maneira mais agressiva.

No conjunto de imagens da terceira campanha – embalagens de cigarro –, há um forte apelo de leitura que se dá na construção do texto pela escrita e pela imagem. O texto da campanha joga com possíveis consumidores que podem desconhecer a escrita. Em se tratando dos analfabetos, a leitura poderá ser feita pela imagem. Para os sujeitos letrados, tanto a imagem quanto o texto escrito serão passíveis à leitura. Os diferentes textos têm distintas funções ideológicas de interpelação do sujeito. É preciso questionar a leitura, a fim de sair da evidência do sentido.

Desse modo, remetemo-nos ao que formula Orlandi (2012), sobre a necessidade de o sujeito produzir leituras e interpretação.

Diante de qualquer objeto simbólico, somos instados a dar sentido, a significar. Além disso, a interpretação se apaga como tal, na medida em que os sentidos são uns e não outros, dadas as condições de produção e, no entanto, eles nos aparecem como naturais. Este é um dos aspectos da ideologia. Por isso, dissemos que há um *dispositivo ideológico* de interpretação em todo sujeito falante. Os sentidos nunca estão soltos. Há sempre, na injunção a significar, condições para que eles sejam x e não y, para que eles tenham uma direção, que constituam uma posição do sujeito. Há, pois, mecanismos de controle dos sentidos. A injunção à interpretação tem sua forma e suas condições. (ORLANDI, 2012, p.89).

Nessa direção, Orlandi (*op.cit.*) afirma que a interpretação é um *dispositivo ideológico* que nos permite, enquanto sujeitos, produzir diferentes sentidos de acordo com as condições de produção. Diante de qualquer materialidade discursiva, seja ela verbal ou não verbal, o sujeito é mobilizado a interpretar, por isso o sujeito é sempre sujeito à interpretação.

Em se tratando de imagem, de acordo com Souza (2001, p. 86), as imagens estão sempre aquém das injunções de ordem jurídica e institucional que determinam o que pode e o que não pode ser visto. Essas instituições controlam a visibilidade, pelo jurídico, como também, proferem discursos que constroem as imagens e a sua própria realidade. Esse controle tem embasamento no trabalho da palavra pela Lei, por meio da paráfrase de imagens.

No caso do texto de imagens das campanhas produzidas pelo Ministério da Saúde, há um movimento parafrástico de repetição do texto, nas embalagens, sobre os efeitos nocivos do cigarro no corpo. O corpo, por conseguinte, sofre a interpelação ideológica do efeito do produto na saúde.

A leitura do não verbal não é imaginariamente “linear” como nas sequências linguísticas, não é direcionada pela palavra, não há um encadeamento sintático. Demanda por sua vez uma atenção em direção à opacidade

constitutiva das imagens fixas, ou em movimento; da sonoridade; do corpo; do gesto etc. (COSTA, 2012, p. 299).

Ainda,

[...] os mecanismos de análise que apreendem o verbal através do não-verbal revelam um efeito ideológico de apagamento que se produz entre os diferentes sistemas significantes, dando sustentação, dentre outros, ao “mito” de que a linguagem só pode ser entendida como transmissão de informação, ou como sistema para comunicar. O que leva [...] a trabalhar não com a materialidade significativa de cada linguagem em si mesma, mas sim com a tradução do não-verbal em verbal, mascarando as diferenças, a especificidade de cada uma das formas da linguagem (SOUZA, 2001, p. 72).

Desse modo, a leitura dos textos de imagens e de escrita precisa ser tomada pelo questionamento, ou seja, distante do efeito de naturalização, de evidência. Compreendemos, nessa direção, pelo gesto de interpretação, os textos, em análise, como impactantes pelo modo como são disponibilizados na embalagem. Os textos mostram partes do corpo que sofrem mutilação e doenças causadas pelo efeito do uso contínuo do tabagismo. Tais como, um bebê morto, resultado de um parto prematuro, o pé deformado, o envelhecimento do rosto, a cegueira, a impotência sexual, entre outros, que mostram danos ao corpo, por meio da expressão de dor e de sofrimento pelo modo como o corpo se posiciona, se marca. “O modo como se dispõe o corpo – na imagem, em movimento, enquadrado – num espaço, é vestígio do modo como se produzem efeitos de sentidos” (COSTA, 2012, p. 297), nas campanhas antitabagistas.

Nessa perspectiva,

Todo corpo está investido de sentidos enquanto corpo de um sujeito que se constitui por processos nos quais as instituições e suas práticas são cruciais, da mesma forma que, ideologicamente, somos interpelados em sujeito. Dessa forma [...] é que pensamos o corpo do sujeito ligado ao corpo social e isto também não lhe é transparente, como ele não é transparente para si mesmo (ORLANDI, 2017, p. 34).

O corpo é um espaço de significação, de suas práticas, de sua memória discursiva, que o interpela como sujeito, ligado ao corpo social, de modo que o corpo do sujeito não está fora das intervenções produzidas pelo próprio sujeito. No caso, o sujeito fumante provoca em si próprio um retorno pela ingestão das substâncias químicas, as quais propiciam doenças crônicas, como câncer de boca, língua, esôfago, cegueira, infarto, entre outros, como pode ser lido nos maços de cigarro.

Pela leitura do não verbal, recortamos as formulações:

1. **VOCÊ SOFRE.** Este produto causa perda do bebê e parto prematuro.
2. **VOCÊ PREJUDICA** a saúde até de quem não fuma, ao consumir este produto.
3. **VOCÊ BROCHA.** Este produto causa impotência sexual.
4. **VOCÊ ADOECE.** Este produto causa trombose e gangrena.
5. **VOCÊ INFARTA.** Este produto causa infarto e outras doenças do coração.
6. **VOCÊ SOFRE.** Este produto causa câncer de boca, língua e esôfago.
7. **VOCÊ ADOECE.** Este produto causa cegueira.
8. **VOCÊ ENVELHECE.** Este produto causa envelhecimento precoce.
9. **VOCÊ MORRE.** Este produto causa enfisema, câncer de pulmão e morte.

Na nova campanha, o direcionamento ao sujeito fumante é marcado pelo uso do pronome *você*, o qual se repete em todos os enunciados juntamente com o dizer *Este produto causa*. O emprego e a repetição do pronome *você*, na campanha, direcionada ao sujeito fumante, produzem um efeito de responsabilização do sujeito consumidor, uma vez que o tabagismo é uma doença. Em todos os casos, o pronome é a marca de visibilidade do sujeito fumante. Desse modo, ao dizer *você envelhece*, *você sofre*, *você morre* etc., o sujeito é responsabilizado, isto é, é individuado pela Lei Antitabagista que trata de direitos e deveres.

Diferentemente das campanhas anteriores, em que as frases eram modalizadas, como, por exemplo *fumar causa impotência sexual*, na campanha atual, temos a afirmação de que fumar brocha e causa impotência, o que produz não mais o efeito de uma possibilidade, mas sim de uma certeza, isto é, todo sujeito, ao fumar, sofrerá danos, efeitos à saúde.



Figura 11³⁶

Há um diálogo da campanha atual com as anteriores, visto que tínhamos um enunciado mais formal: *O Ministério da Saúde adverte: fumar causa impotência sexual*, conforme a figura 11, enquanto, na atual, passamos para um enunciado mais coloquial/informal: *VOCÊ BROCHA. Este produto causa impotência sexual*. O verbo brochar é uma forma mais popular para referirmo-nos à impotência sexual e que, possivelmente, pode produzir um efeito de identificação do sujeito com a campanha e atingir mais “leitores”. Dizer *impotência* e dizer *brocha* exige, portanto, sujeitos com histórias de leitura diferentes.

Na formulação da campanha, os verbos *sofrer*, *adoecer*, *envelhecer*, *enfartar*, *morrer*, *brochar* e *prejudicar* funcionam como um gesto de repetição, “[...] é o que torna possível a ruptura do processo de individuação, de identificação, na confluência da falha do Estado no processo de individuação e da falha da ideologia no processo de interpelação, ressoando no processo de identificação do sujeito à formação discursiva (ORLANDI, 2014, p. 165).

As SDs fazem pensar que o fato de repetir o texto de campanha, em uma embalagem do próprio produto, não garante a informação. A nosso ver, compreendemos que é preciso depreender a recorrência nesses textos, sejam pelas palavras repetidas ou pelo modo como as imagens são disponibilizadas. Ambas contribuem para a construção dos sentidos no movimento da interpretação. Então, tem-se um problema de leitura no modo de compreensão. Em outras palavras, é preciso compreender a deslinearização da significação do texto. Afirmamos, assim, que o fato de o sujeito ser movido pela interpretação requer que compreendamos,

³⁶ Advertência em campanha antitabagista. Disponível em: <http://equilibriodontologia.blogspot.com/2012/11/>. Acesso em: 20 jun. 2017.

discursivamente, essa noção (a de *interpretação*). Dessa maneira, não basta apenas repetir e repetir o texto. O Estado, ao colocar em circulação a campanha antitabagista, se exime, isto é, se coloca em uma posição como aquele que já fez a sua contribuição ao alertar, advertir o sujeito, embora ele tenha livre acesso ao produto.



Figura 12³⁷

Na imagem (figura 12), observa-se o modo como o comércio se significa, textualiza o discurso jurídico, por meio da exposição dos produtos acompanhados de suas respectivas advertências. Assim, o discurso do Estado nos faz pensar sobre os elevados índices de lucro com a venda do produto no Brasil. De acordo com pesquisa³⁸, a arrecadação de impostos no Brasil com a venda de cigarros é de R\$ 12,9 bilhões, o que gera um saldo negativo de R\$ 44 bilhões por ano.

É importante ressaltar que

O Estado funciona pela falta, produzindo o que chamamos de sem-sentido, que não é um vazio, mas um modo de estar na relação do político com a significação, estagnando-a no já-significado. Assim é que, nossa posição é de que temos de compreender os novos termos de dominação, através da compreensão de como se confrontam o simbólico com o político, nesses termos (ORLANDI, 2019, p.10).

³⁷ Fotografia do nosso acervo pessoal, que dá visibilidade aos modos de exposição do cigarro no ambiente comercial de Cáceres.

³⁸ “Tabagismo no Brasil: Morte, Doença e Política de Preços e Esforços”, 2015. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-05/tabagismo-custa-r-569-bilhoes-por-ano-ao-brasil>. Acesso em 25 mai. 2019.

Assim, o indivíduo é afetado pela língua, interpelado em sujeito pela ideologia, constituindo a forma sujeito histórica. Uma vez constituído em sua forma histórica, a do capitalismo, com seus direitos e deveres, em sua livre circulação social, temos a individuação do sujeito pelo Estado.

Dessa maneira, observamos que as campanhas produzem um efeito de desresponsabilização do Estado, no que tange o consumo de cigarro. Esse funcionamento é resultado de uma ideologia capitalista, em que o Estado, ao autorizar a comercialização do tabaco e fornecer a informação dos malefícios do tabagismo, entende que cumpre com o seu dever, isto é, “conscientizar” o sujeito acerca dos danos causados pelo cigarro, mas, nesse movimento discursivo, atribui a “culpa” ao sujeito, ou seja, as SDs que “conversam” com os consumidores poderiam ser parafraseadas assim: “você sabe, se você faz o problema é seu”.

O efeito produzido, na campanha, é o de que o Estado se exime diante da responsabilidade para com o sujeito fumante, uma vez que toma o sujeito como conhecedor dos malefícios causados pelo cigarro, transferindo ao sujeito fumante a responsabilidade de abandonar ou não o ato. Embora saibamos que o conhecimento dos danos causados pelo cigarro nem sempre é suficiente para que o sujeito deixe o vício, que é uma doença, o que torna o tabagismo motivo de preocupação mundial, como veremos no próximo tópico.

3.1 O tabagismo e o discurso internacional

Após a promulgação da resolução de maio de 2001, o Brasil foi o segundo país do mundo a adotar o uso da embalagem do cigarro como veículo de contrapropaganda ao fumo. De acordo com o artigo 1º da Resolução da ANVISA (2001)³⁹, todos os produtos fumígenos, derivados do tabaco, deveriam conter, em suas embalagens e propagandas, advertências ao consumidor acerca dos malefícios ocasionados com o uso deste produto.

Em 21 de maio de 2003, a Assembleia Mundial da Saúde aderiu à Convenção-Quadro da OMS para Controle do Tabaco (CQCT/OMS)⁴⁰. Trata-se do primeiro tratado internacional de saúde pública da história da Organização Mundial da Saúde. Resultado da reunião de 192

³⁹ Em 2000, o Canadá instituiu uma legislação que determinou a impressão de advertências seguidas de imagens coloridas que tomavam metade da frente e do verso de recipientes de produtos provenientes do tabaco. Uma estratégia adotada também por outros países como Austrália, Tailândia, Irlanda e Bélgica que aderiram aos maços de cigarro imagens e alertas que visavam motivar o abandono do produto.

⁴⁰Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//convencao-quadro-para-o-controle-do-tabaco-preambulo.pdf>. Acesso em 15 mar. 2019.

países componentes da Assembleia Mundial da Saúde, em resposta à preocupação causada pelo surto de tabagismo no mundo:

As Partes desta Convenção, [...] *Reconhecendo* que a propagação da epidemia do tabagismo é um problema global com sérias consequências para a saúde pública, que demanda a mais ampla cooperação **internacional** possível e a participação de **todos os países** em uma resposta **internacional** eficaz, apropriada e integral; [...] *Tendo em conta* a preocupação da comunidade **internacional** com as devastadoras consequências sanitárias, sociais, econômicas e ambientais geradas pelo consumo e pela exposição à fumaça do tabaco, **em todo o mundo** [...].

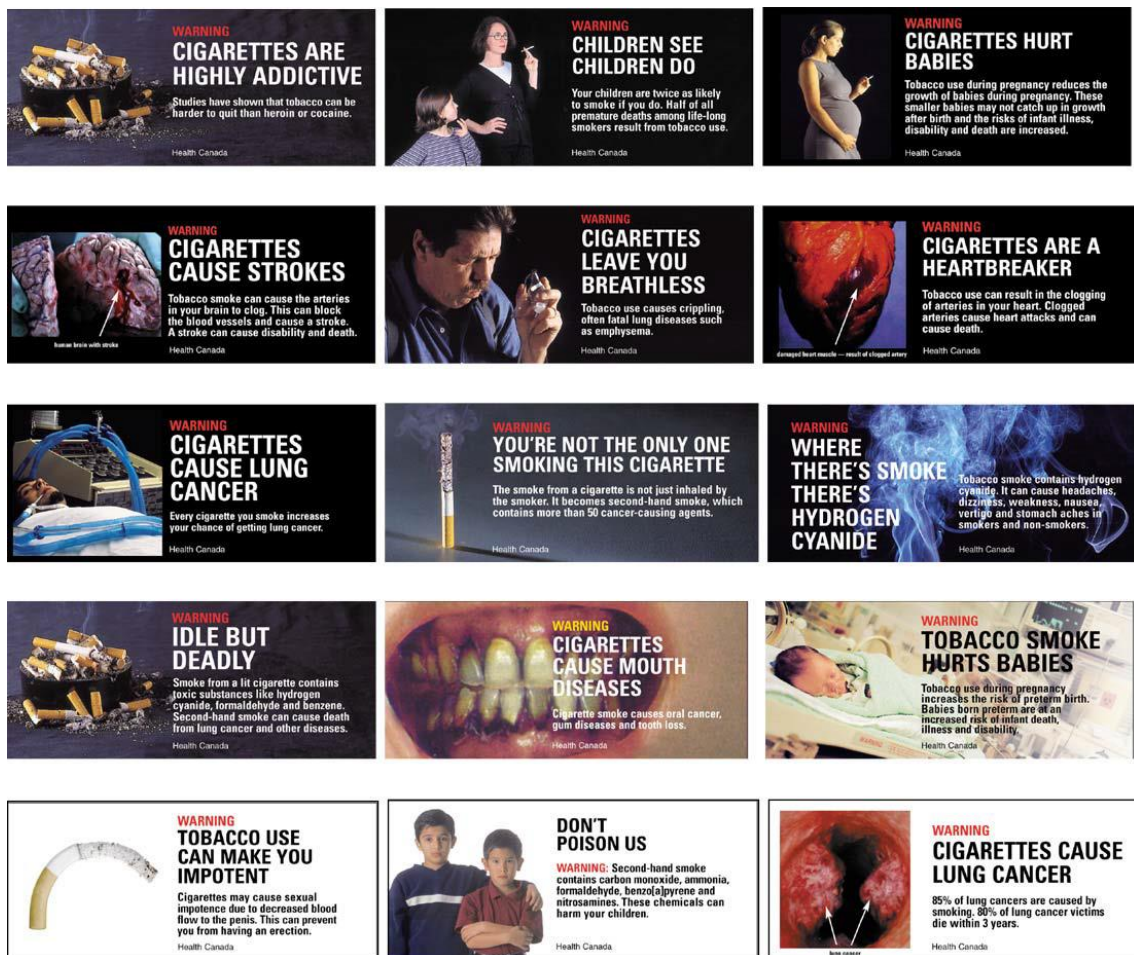


Figura 13⁴¹

O texto canadense, em face do discurso antitabagista, se verticaliza dentro de uma proposição do discurso da mundialização sobre a questão da Cooperação internacional sobre o

⁴¹ Advertências usadas nas embalagens de cigarro do Canadá. A imagem foi retirada do artigo “O uso da embalagem de cigarro como veículo da campanha antitabagista” da autora Rosane Vasconcelos Zanotti Serafini.

cigarro. Assim, dentre os alertas que acompanham as embalagens da figura 13, encontramos enunciados como: *cigarros são altamente viciantes; crianças veem, crianças fazem; cigarros ferem bebês; cigarros causam derrames; cigarros deixam você sem fôlego; cigarros são destruidores de corações; cigarros causam câncer de pulmão; você não é o único fumando este cigarro; onde há fumante, há cianeto de hidrogênio⁴²; desocupado, mas mortal; cigarros causam doenças de boca; a fumaça do tabaco fere bebês; o uso do tabaco pode tornar você impotente e não nos envenene⁴³.*

No encontro de línguas diferentes, o texto da figura 13 nos faz pensar de uma forma parafrástica o modo como também se textualiza, no Brasil (figura 10), as causas e consequências do uso do cigarro.

Nessa direção, a leitura da imagem, na perspectiva da Análise de Discurso,

[...] permite trabalhar não exclusivamente com o verbal (o linguístico), pois restitui ao fato da linguagem sua complexidade e sua multiplicidade, isto é, aceita a existência de diferentes linguagens o que não ocorre com a Linguística, que além de reduzir fato (de linguagem) à disciplina (que trata da linguagem), reduz também a significação ao linguístico. O importante para a AD não é só as formas abstratas, mas as formas materiais de linguagem (ORLANDI, 1995, p. 34).

Reconhecemos, assim, a existência de outras linguagens. Dessa maneira, o texto de imagem também constitui um espaço de leitura, de atravessamento e de filiações de sentidos. Ou seja, um sentido o atravessa e o constitui enquanto memória discursiva. Esse modo de ler o texto, observando as suas diferenças, é assegurado pela teoria da Análise de Discurso. Ela, com o seu aparato teórico, permite o trabalho com outras materialidades discursivas.

⁴² O cianeto de hidrogênio é denominado como gás da morte e considerado altamente tóxico. Disponível em: <http://www.engquimicasantosp.com.br/2015/04/gas-da-morte-acido-cianidrico.html>. Acesso em 23 mai. 2018.

⁴³ Tradução livre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, inscrito na teoria da Análise de Discurso, possibilitou-nos pensar práticas de leitura, ou seja, a ler o texto de imagem e de escrita de uma forma distintiva, compreendendo que há textos distintos em uma mesma materialidade discursiva. Dessa maneira, a imagem não pode se sobrepor à escrita, nem a escrita pode se sobrepor à imagem. Esse modo de construção de texto do verbal e de imagem percorreu o nosso trajeto de leitura em um *corpus* heterogêneo acerca do discurso antitabagista, permitindo-nos interrogar a materialidade discursiva em sua opacidade.

Compreendemos, pela Análise de Discurso, que a lei antitabagista produz uma regularidade jurídica de interdição na relação do sujeito com o Estado, com o espaço e com seu corpo. Desse modo, o discurso antitabagista, disponibilizado em diferentes espaços, funciona como uma chamada, um alerta, uma advertência a respeito dos efeitos nocivos do cigarro à saúde.

O tabagismo é motivo de preocupação mundial. Em resposta à preocupação causada pela doença no mundo, 192 países componentes da Assembleia Mundial da Saúde se reuniram para encontrar estratégias a fim de motivar o abandono do produto como a determinação da impressão de advertências seguidas de imagens coloridas de produtos provenientes do tabaco. Este encontro de diferentes línguas nos faz pensar o modo como também se textualiza, no Brasil, as causas e consequências do uso do cigarro.

Desse modo, trabalhar com o texto de imagem e de escrita, presentes no discurso antitabagista, demanda a inscrição teórica a um determinado gesto de interpretação do leitor. É preciso, pelo suporte teórico, deslinearizar o modo comum de olhar para o texto. Com isso, o trabalho nos fez pensar sobre o modo como o texto significa, como o texto de imagem e o texto de escrita não são uma coisa só, isto é, não podem ser lidos de uma forma homogênea, pois cada um tem um modo particular de significar, isto é, de produzir sentidos.

A existência de outras linguagens nos permite dizer que o texto de imagem também é considerado um espaço de leitura, assim como o verbal. A Análise de Discurso, com seu aparato teórico, nos permite trabalhar com outras materialidades discursivas, observando as suas diferenças. Outros tipos de linguagens, formas materiais de significação, têm a sua densidade semântica, porque o discurso as atravessa e as constitui com suas diferentes formações discursivas.

Em suma, este trabalho mobilizou reflexões, gestos de interpretação, práticas de leituras, ensino de língua e de linguagem em diferentes materialidades. “A Análise de Discurso é uma

disciplina da interpretação. É dessa natureza o real com que trabalha: ela interroga a interpretação” (ORLANDI, 2017, p.291). A teoria nos permitiu uma nova maneira de olhar para a língua, não mais apenas como uma estrutura, mas a partir de seu funcionamento no batimento entre descrição e interpretação, interrogando o material simbólico e a ele atribuindo questões.

BIBLIOGRAFIA

ANVISA. Disponível em: http://www.anvisa.gov.br/anvisa/legis/resol/104_01rdc.htm. Acesso em 23 mai. 2018.

BORGES, Águeda Aparecida da Cruz Borges. “Memória e atualidade: um percurso, um olhar, um (des)encontro”. Resgate – **Rev. Interdiscip. Cult**, Campinas, v.24, n. 1 [31], p. 55-72, jan./jun. 2016 – e-ISSN: 2778-3284.

BELLINI, Nilza. **Cultura do veneno**. SESC, São Paulo, 2004. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/2434_CULTURA+DO+VENENO. Acesso em 25 jan. 2018.

CARVALHO, Edigar dos Santos. **O discurso antitabagista no século XXI**. A Análise de Discurso e sua história: avanços e perspectivas - VII SEAD. Recife, 2015.

_____. **“Proibido fumar”**: a criminalização do ato. 2017. Disponível em: http://anaisdosead.com.br/8SEAD/POSTERES/POSTER%20E5_ECarvalho.pdf. Acesso em 02 fev. 2018.

CIGARRO E ODONTOLOGIA. 2012. Disponível em: <http://equilibriomodontologia.blogspot.com/2012/11/>. Acesso em: 20 jun. 2017.

CIGARRO: O VILÃO PODE SER REICLADO? 2012. Disponível em <http://felizitinerante.blogspot.com/2012/10/cigarro-o-vilao-pode-ser-reciclado.html>. Acesso em 12 mai. 2019.

COELHO, Pedro. **A planta do tabaco**. Blog de Engenharia Química, 2015. Disponível em: <https://www.engquimicasantosp.com.br/2015/08/a-planta-do-tabaco.html>. Acesso em 19 jul. 2018.

_____. **Processo de fabricação do cigarro**. Blog de Engenharia Química, 2015. Disponível em: <https://www.engquimicasantosp.com.br/2015/08/processo-de-fabricacao-do-cigarro.html>. Acesso em 19 jul. 2018.

_____. **Gás da morte – ácido cianídrico**. Blog de Engenharia Química, 2015. Disponível em: <http://www.engquimicasantosp.com.br/2015/04/gas-da-morte-acido-cianidrico.html>. Acesso em 23 mai. 2018.

COSTA, Greciely Cristina da. “Movimentos de câmera e de sentidos em *Falcão* - meninos do tráfico: um corpo signficante na imagem”. In: Telma Domingues da Silva; Tânia Clemente de Souza; Carmen Augustini. (Org.). **Imagens na Comunicação e Discurso**. 1ed. São Paulo: Annablume, 2012, v. 1, p. 301-319.

DECICINO, Ronaldo. **Tabaco** – Brasil é o maior exportador mundial. Educação Uol. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/tabaco-brasil-e-o-maior-exportador-mundial.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 10 abr. 2018.

DE LA FUMÉE SORT DE LA CIGARETTE UN HOMME S TIRE UNE DAME. Disponível em: https://fr.123rf.com/photo_18690975_de-la-fum%C3%A9e-sort-de-la-cigarette-un-homme-s-tire-une-dame.html. Acesso em 12 mai. 2019.

ECONOMIA – iG. **Indústria do cigarro movimentada R\$ 16 bilhões no Brasil.** São Paulo, 2011. Disponível em: <http://economia.ig.com.br/empresas/industria/industria-do-cigarro-movimentada-r-16-bilhoes-no-brasil/n1597367447457.html>. Acesso em 02 fev. 2018.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 36.

FROIS, Camila. **Famílias brasileiras que cultivam tabaco sofrem de overdose de nicotina.** **Galileu.** 2015. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/04/familias-brasileiras-que-cultivam-tabaco-sofrem-de-overdose-de-nicotina.html>. Acesso em 10 abr. 2018.

INCA (Instituto Nacional de Câncer). Ministério da Saúde. Disponível em: http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/observatorio_controle_tabaco/site/home/convencao_quadro_o_que_e. Acesso em 01 fev. 2018.

_____. Disponível em: http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/observatorio_controle_tabaco/site/home/dados_numeros_prevalencia_de_tabagismo. Acesso em 20 jun. 2018.

LENAD (Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas) entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras. Disponível em <https://www.inca.gov.br/observatorio-da-politica-nacional-de-controle-do-tabaco/dados-e-numeros-prevalencia-tabagismo>. Acesso em 12 mai. 2019.

MEDEIROS, Caciene Souza de. **A materialidade da imagem e a ideologia no discurso da mídia do espetáculo.** Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumeII/index.php?option=com_content&view=article&id=1146:a-materialidade-da-imagem-e-a-ideologia-no-discurso-da-midia-do-espetaculo&catid=103:parte-ii-discursividades-contemporaneas&Itemid=472. Acesso em 17 jul. 2018.

MELDAU, Débora Carvalho. **Doença da Folha Verde do Tabaco.** Disponível em: <https://www.infoescola.com/doencas/doenca-da-folha-verde-do-tabaco/>. Acesso em 10 abr. 2018.

MENDES, Samya N. R. **A questão ambiental.** Portal Educação. 2015. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/a-questao-ambiental/59416>. Acesso em 20 fev. 2019.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa.** Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=cura>. Acesso em 13 mai. 2019.

MILHORANCE, Flavia. **Produtores de tabaco enfrentam doenças físicas e psíquicas no RS.** O Globo, 2014. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade/produtores-de-tabaco-enfrentam-doencas-fisicas-psiquicas-no-rs-13473703#ixzz4wibWvE87>. Acesso em 25 jan. 2018.

MONTENEGRO, Patricia. **Cigarro: o inimigo da beleza**. 2015. Disponível em: <http://quibid.blogspot.com.br/2015/05/cigarro-o-inimigo-da-beleza.html>. Acesso em 02 fev. 2018.

MOTTA, Ana Luiza A. R. da. “A escrituração do Pantanal no discurso ambiental”. In: **Discurso, sujeito e memória**. SOUZA, Olimpia Maluf. Org. et. al. Campinas: Pontes, 2012.

_____. **O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres Estado de Mato Grosso**. UNICAMP: Instituto de Estudos da Linguagem, 2003. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270724/1/Motta_AnaLuizaArtiagaRodrigue_sda_M.pdf. Acesso em 02 fev. 2018.

NITAHARA, Akemi. **Tabagismo custa R\$ 56,9 bilhões por ano ao Brasil**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-05/tabagismo-custa-r-569-bilhoes-por-ano-ao-brasil>. Acesso em 02 fev. 2018.

OMS (Organização Mundial da Saúde). **Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco**, Genebra, 2003. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//convencao-quadro-para-o-controle-do-tabaco-preambulo.pdf>. Acesso em 15 mar. 2019.

ORLANDI, Eni P. “Texto e discurso”. **Organon**, Porto Alegre, Rev. do Inst. Letras/UFRGS, v. 9, n. 23, p. 63- 68, 1995a.

_____. “Efeitos do verbal sobre o não-verbal”. In: **Rua**, Campinas, 1:35-47, 1995b.

_____. “Análise de Discurso: conversa com Eni Orlandi”. [Entrevista concedida a] Raquel Goulart Barreto. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 07, no. 13-14, jan/dez 2006.

_____. “Espaço da violência: o sentido da delinquência”. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** 51(2) – Jul./Dez. 2009, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP, 4º Edição, Pontes Editores, 2012a.

_____. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas, SP, 6º Edição, Pontes Editores, 2012b.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP, 11º Edição, Pontes Editores, 2013.

_____. “Formação ou capacitação: duas formas de ligar sociedade e conhecimento”. In: FERREIRA, Eliana; ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discursos sobre a inclusão**. Niterói: Intertexto, 2014. pp.141-189.

_____. **Eu, Tu, Ele – Discurso e real da história**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

_____. “Delimitações, Inversões, Deslocamentos”. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, SP. 1990.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 2012.

RX ECO. **Pense nisto!** Disponível em: <http://rxeco.blogspot.com/2014/04/pense-nisto.html>. Acesso em 12 mai. 2019.

SAIBA O QUE MUDA COM AS NOVAS REGRAS DA LEI ANTITABAGISMO. 2017. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/saude/2014/06/saiba-o-que-muda-com-as-novas-regras-da-lei-antitabagismo>. Acesso em 02 fev. de 2018.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Cultrix: São Paulo, 2012.

SILVA, Telma Domingues da Silva. “Comunicação e instituição: a esfera pública no Brasil”. In: **Imagens na comunicação e discurso**. SILVA, Telma Domingues da Silva. Org. et al. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte, Fapeming, 2012.

SILVEIRA, Rogério L. L. da; DORNELLES, Mizael; Ferrari, STELA. “Expansão da cultura do tabaco no sul do brasil (1996-2006): características, mudanças e persistências na produção de tabaco e nos usos do território”. **Biblio 3W**, 2011. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-987.htm>. Acesso em 25 jan. 2018.

SIMÕES, André. **Jornalismo Ambiental**. 2017. Disponível em: <https://jornalismoambiental.uniritter.edu.br/?p=1964>. Acesso em 23 mai. 2019.

SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles. **O espaço urbano e a produção de sentidos**. Redisco. Vitória da Conquista, v. 12, n. 2, p. 31-44, 2017. ISSN 2316-1213.

SOUZA, Tânia C. C. de. “A Análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação”. **Rua**, Campinas, 7: 65-94, 2001. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/323/204>. Acesso em 12 mai. 2019.

_____. **Discurso e imagem**: perspectivas de análise não verbal. 2º Colóquio Latinoamericano de Analistas Del Discurso, La Plata e Buenos Aires, agosto/1997. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/240/128>. Acesso em 23 mai. 2019.

SPINK, Mary Jane P. **Ser fumante em um mundo antitabaco**: reflexões sobre riscos e exclusão social. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/sausoc/2010.v19n3/481-496/>. Acesso em 31 jan. 2019.

SOUZA CRUZ. **O tabaco na história**. Disponível em: http://www.souzacruz.com.br/group/sites/SOU_AG6LVH.nsf/vwPagesWebLive/DO9YDBC. Acesso em 01 fev. 2018.

TePe. **Cigarro**: ganha quem vende, perde quem usa. 2012. Disponível em: <http://tepe.com.br/cigarro-ganha-quem-vende-perde-quem-usa/>. Acesso em 02 fev. 2018.

Terra Educação. **Como surgiu o cigarro?** Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/voce-sabia/como-surgiu-o-cigarro,1108d8aec67ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em 10 fev. 2018.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS. **Alerta:** jogar bitucas de cigarro nas rodovias pode causar incêndios, 2016. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/alerta-jogar-bitucas-de-cigarro-nas-rodovias-pode-causar-incendios/>. Acesso em 06 ago. 2018.

VERGARA, Rodrigo; AQUINO, Manuela. “Ascensão e queda do tabaco”, 2017. In **Super interessante**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/ascensao-e-queda-do-tabaco/>. Acesso em 10 abr. 2018.

ZOPPI FONTANA, Mónica. 2001. **Lugares de enunciação e discurso**. Apresentado no II Congresso Internacional da ABRALIN, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará/ABRALIN, fevereiro 2001. In: Boletim da Associação Brasileira de Linguística. V. 1. Fortaleza, ABRALIN/UFC, 2003. p. 199-201